



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA**

---

**BEATRIZ BATISTA SILVA**

**A MEDIAÇÃO DO PROFESSOR DE SOCIOLOGIA NO  
ENSINO MÉDIO: PROBLEMATIZANDO AS RECENTES  
MANIFESTAÇÕES DE RUA**

---

LONDRINA

2016

**BEATRIZ BATISTA SILVA**

**A MEDIAÇÃO DO PROFESSOR DE SOCIOLOGIA NO  
ENSINO MÉDIO: PROBLEMATIZANDO AS RECENTES  
MANIFESTAÇÕES DE RUA**

**Trabalho de Conclusão de Curso**,  
apresentado ao Departamento de Ciências  
Sociais, da Universidade Estadual de  
Londrina, como requisito parcial para  
obtenção do título de Bacharela em Ciências  
Sociais.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dra. Ângela Maria de  
Sousa Lima

LONDRINA

2016

**BEATRIZ BATISTA SILVA**

**A MEDIAÇÃO DO PROFESSOR DE SOCIOLOGIA NO  
ENSINO MÉDIO: PROBLEMATIZANDO AS RECENTES  
MANIFESTAÇÕES DE RUA**

**Trabalho de Conclusão de Curso**,  
apresentado ao Departamento de Ciências  
Sociais, da Universidade Estadual de  
Londrina, como requisito parcial para  
obtenção do título de Bacharela em Ciências  
Sociais.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dra. Ângela Maria de  
Sousa Lima

**COMISSÃO EXAMINADORA:**

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Ângela Maria de Sousa Lima  
(Orientadora)  
Departamento de Ciências Sociais  
Universidade Estadual de Londrina

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Angélica Lyra de Araújo  
Departamento de Ciências Sociais  
Universidade Estadual de Londrina

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Andréia Maria Cavaminami Lugle  
Departamento de Educação  
Universidade Estadual de Londrina

Londrina, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2016.

## AGRADECIMENTOS

Finalizo este trabalho com a sensação de “antes tarde do que nunca”, e talvez não seja tão tarde assim, considerando tamanha maturidade que eu precisei adquirir para desenvolvê-lo.

Agradeço primeiramente à minha mãe, Dona Isabel Batista, vulgo “Bézinha”, que sempre batalhou para me oferecer uma vida digna ao lado do meu pai e irmãos.

Quando fui aprovada no Processo Seletivo Vestibular de 2008 adentrei na universidade no período matutino, como aluna cotista, logo após concluir o Ensino Médio, com zero de maturidade, muito medo de não ter feito a escolha certa para a minha carreira, como muitos jovens que entram na universidade assim.

O primeiro ano foi de crescimento, por ter que lidar com responsabilidades do tipo tirar cópia dos textos, ler, fichar, fora as tarefas da vida externa, que no ano de 2009 não eram muitas, afinal eu tive o privilégio de estudar de manhã e ter a tarde livre para organizar tudo.

E fiz muitas amizades. Conheci a Aline Ribeiro, famosa Linão, a Thayza, a Dani, a Tainá, a Géssia, a Samira, o Kaleb e Nay, o Perdido, o Spera, o Danilo, o Klaus, nossa...muitos parceiros de curso. Todos eles me apoiaram logo que cheguei à UEL. E cheguei de muletas, porque havia passado por um tratamento no pé esquerdo.

Todos me receberam com muito carinho e amizade. Hoje quero registrar meu muito obrigada pessoal. Obrigada por todos os trabalhos realizados juntos e, claro, pelas festas. Sinto a falta de muitos que não moram mais em Londrina e que não tenho a oportunidade de rever sempre que me lembro dos momentos.

Em 2010 transferei o curso para o noturno, porque me vi obrigada a trabalhar, levando em conta a realidade a qual estava inserida. Meu pai sem trabalhar incessantemente para garantir o básico dentro de casa, assim como meus irmãos mais velhos. Mas neste ano minha mãe enfrentava um câncer no útero.

Foi nesse contexto externo que fiz o curso de Ciências Sociais na UEL. Durante o tratamento do câncer da minha mãe, o meu pai faleceu em outubro

de 2010. Isso me fez pensar seriamente em desistir do curso, imaginando que não teria cabeça para ir às aulas, trabalhar o dia todo, e ainda chegar em casa e ver minha mãe sofrendo com os efeitos da quimioterapia. E mesmo diante de tudo isso ela e meus irmãos me fortaleceram e motivaram a continuar.

Agradeço imensamente à minha família por não ter me deixado desistir. Pelo contrário, eu não teria conquistado o amadurecimento que conquistei e nem a visão de mundo que tenho hoje. Se eu tivesse desistido, não teria conhecido a Bárbara e a Isa, a dupla do cabelo vermelho, que me acompanharam nos anos de 2010 e 2011 no curso, me apoiando dentro e fora da UEL.

Não teria conhecido a Katie e a Shing, que sempre foram excelentes alunas e amigas, me ajudando nos trabalhos. Não teria conhecido a Mari Moreira, que sempre me inspirou com sua postura e parceria no campus. Se tivesse desistido do curso, teria ainda perdido a oportunidade de conhecer a Mari Valério, lasmin e Marcinho, a Dayane Medeiros e a Meire, a Érika que conheci no matutino e seguiu para o noturno também, assim como a Leila, parceira de seminários e da disciplina de Libras, que mudou totalmente minha forma de ver o deficiente auditivo.

A minha gratidão aos grandes professores que tive a honra de conhecer e deles receber o pensamento sociológico, político, antropológico, histórico e filosófico. Obrigada Professora Ângela Maria, mais que uma orientadora, uma professora que desenvolve o talento em todos os alunos. Sempre acreditando no potencial de cada um. Você teve um papel de “Professora Mãe” na minha vida, me orientou no Artigo da Licenciatura e neste trabalho, me fazendo acreditar que seria capaz de desenvolver um trabalho científico, e de fato consegui enxergar este potencial e seguir em frente. Espero continuar a carreira guiada por você e muitos outros professores, assim como a Ileizi que me inspira como Socióloga e Educadora.

Agradeço aos professores com quem tive meu primeiro contato quando iniciei o curso, Maria José, Ana Maria, Celso, grandes professores que fizeram toda a diferença na minha carreira. Agradeço ao professor Eliel Machê que me apresentou o pensamento marxista, e desenvolveu um grande olhar crítico acerca da realidade social.

Devo agradecer principalmente o meu Padrinho, Joaquim Pacheco de Lima. Obrigada Padrinho, por me inspirar. Você teve papel principal na escolha da minha carreira. Espero um dia me tornar metade do grande profissional que você

é hoje, um brilhante professor, filósofo, pensador e um grande sociólogo com projetos científicos e sociais que fazem a diferença na vida de muita gente. Assim como a minha ilustre Madrinha, Dona Luzinete, grande pedagoga, ambos com uma história de vida inspiradora. Vocês são espelhos para mim.

Evidentemente que serei eternamente grata à minha grande amiga Aline Azevedo. Faltam palavras para descrever sua relevância na minha vida acadêmica. Obrigada Azevedo, por me ajudar nos trabalhos, mesmo após você ter concluído o curso, sempre se manteve presente, dando dicas, conselhos. Sou grata por toda a ajuda que me deu na elaboração desse TCC, por todas as cervejas e claro, os shows de Rock'n roll. Obrigada por ser minha parceira de trabalhos acadêmicos, bares e apoio moral.

Dedico este trabalho também aos meus irmãos, Rogério, Rosângela, Rafael e Janaina. Sempre aguentando minhas polêmicas e segurando a barra comigo em todos os momentos difíceis no processo de adaptação em viver sem nossos pais. Obrigada Rogério por ter questionado inúmeras vezes quando escolhi fazer Ciências Sociais, por me fazer repensar e criar a certeza de que realmente queria seguir este caminho. Obrigada Rosângela por ser essa grande irmã. Você é um exemplo de mãe, exemplo de amiga. Rafa, gratidão infinita por seguir ao meu lado, ser meu grande amigo e me proteger sempre. Obrigada e desculpas por todas as brigas que se meteu por minha causa no Colégio Estadual Vicente Rijo, por me ensinar o sentido da palavra Parceria. Jana, você é minha irmãzinha mais nova. Sei que consegui desconstruir muita coisa e que aprendeu muito comigo. Cada pensamento que desenvolvi nas Ciências Sociais, consegui repassar para você, e agora seguimos juntas na luta.

Obrigada Victor Reale Ximenes, meu melhor amigo, que sempre caminhou junto e agora mais do que nunca segue na militância política, mostrando o quanto as pessoas são capazes de fazer pelo mundo. Obrigada à Bianca, amiga que trouxe do Ensino Médio, que me encanta com sua história de vida. Orgulho-me cada dia mais ao ver o caminho que segue. Agradeço a todos os grandes amigos que fiz antes da UEL e que seguiram comigo, a Letícia, a Nayra, o Cleber. O meu grande amigo anarquista Pedro companheiro da Katie e que graças a ela o conheci e aprendo muita coisa com sua grande inteligência e sabedoria.

Agradeço o meu parceiro e amor da minha vida, Rodrigo Ribeiro Freitas, que apareceu na minha estrada para mostrar o significado da palavra Casamento, me ensinando todos os dias que para vivermos nesta instituição social é preciso cumplicidade, amizade, parceria e acima de tudo, respeito. Obrigada Rodrigo por me dar empoderamento, me apoiar na luta diária que é Ser Mulher na nossa sociedade machista. Sou grata por dizer todos os dias a pessoa que sou por enaltecer as minhas capacidades e qualidades, pois muitas vezes eu não as enxergo. Você sabe o quanto admiro sua inteligência e sua capacidade de sempre buscar novos conhecimentos. Obrigada por ter uma mente aberta. Com isso fui capaz de desconstruir muita coisa, assim como você desconstruiu em mim.

Enfim, meu agradecimento vai também para os meus primos e primas, tios e tias, aqueles que sempre se manterão presentes ao longo da minha vida. A minha gratidão é por todas essas pessoas que fizeram e fazem parte da minha vida, aos que já partiram, e que me dão inspiração para desenvolver um grande trabalho nas Ciências Sociais, tornando capaz a transformação do mundo.

***MUITO OBRIGADA!***

*A verdadeira medida de um homem não se vê na forma como se comporta em momentos de conforto e conveniência, mas em como se mantém em tempos de controvérsia e desafio.*

**Martin Luther King**

SILVA, Beatriz Batista. **"A MEDIAÇÃO DO PROFESSOR DE SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO: PROBLEMATIZANDO AS RECENTES MANIFESTAÇÕES DE RUA"**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais - Bacharelado). Departamento de Ciências Sociais. Universidade Estadual de Londrina. 2016. 66 páginas.

## RESUMO

Este trabalho pretende efetuar uma abordagem, sob o prisma das Ciências Sociais, de como os professores de Sociologia que atuam hoje no Ensino Médio nas escolas do NRE/Londrina – Núcleo Regional de Londrina vêm abordando na sala de aula com as juventudes o assunto “manifestações de rua no Brasil”, especificamente a partir dos últimos acontecimentos de junho/julho de 2013 e as manifestações pró-impeachment. Para isso destacamos a importância da mediação pedagógica do professor, a trajetória que Sociologia percorreu até chegar à institucionalização no currículo do Ensino Médio, como disciplina obrigatória em todas as séries. Como tudo isso está presente do cotidiano dos estudantes do Ensino Médio do país, o referido assunto se torna necessário na problematização dos conceitos sobre as juventudes e Sociologia atualmente. Para isso, fazemos uma constatação do que pensam sete professores da área, através de uma pesquisa de campo, que tenta compreender os desafios do trabalho docente, através de entrevistas com 07 professores da rede de ensino de Londrina e região, com suas metodologias e didáticas de ensino na sala de aula. Nosso foco central está em compreender a importância da mediação do professor de Sociologia no trato dos conteúdos sociológicos com as juventudes nas escolas de Ensino Médio.

**Palavras-chave:** Sociologia. Ensino Médio. Manifestações Sociais.

SILVA, Beatriz Batista. ***"THE SOCIOLOGY TEACHER'S MEDIATION IN HIGH SCHOOL: DISCUSSING THE RECENT STREET RALLIES"***. Term Paper (Social Sciences - Bachelor Degree). Department of Social Sciences. Londrina State University. 2016. 66 pages.

### **ABSTRACT**

The present essay intends to approach, under the Social Science prism, on how sociology teachers that act on high school today in NRE/Londrina – Regional Nucleous of Education schools are approaching the youth about the “Brazil street rallies” in class, starting specifically with the June/July 2013 events and the pro-impeachment rallies. In this regard, we highlight the importance of the teacher’s pedagogic mediation, the background of Sociology up to the institutionalization of high school curriculums as a mandatory course in all grades. Because all that is present in the everyday life of the high school students of Brazil, the subject becomes necessary for the problematization of the concepts about youth and Sociology today. For that, we observed on what seven Sociology teachers think, through a field research that tries to understand the challenges of the teaching work, through interviews with 07 teachers of the teaching net of Londrina and surroundings with their methodologies and ways of teaching in class. Our main focus is on understanding the importance of the Sociology teacher’s mediation regarding the sociological content with the youth on high school.

**Keywords:** Sociology; High School; Social Rallies

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

**CA** Centro Acadêmico

**DCE** Diretório Central dos Estudantes

**LDB** Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

**LENPES** Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão de Sociologia

**NRE/Londrina** Núcleo Regional de Ensino de Londrina

**OCNs** Orientações Curriculares Nacionais de Sociologia para o Ensino Médio

**OBEDUC** Observatório da Educação

**PIBID** Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

**PMDB** Partido do Movimento Democrático Brasileiro

**PSDB** Partido da Social Democracia Brasileira

**PT** Partido dos Trabalhadores

**SBS** Sociedade Brasileira de Sociologia

**TCC** Trabalho de Conclusão de Curso

**UBES** União Brasileira de Estudantes Secundaristas

**UEL** Universidade Estadual de Londrina

**UFPR** Universidade Federal do Paraná

**UNE** União Nacional dos Estudantes

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>1 A RELEVÂNCIA DA SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO .....</b>	<b>19</b>
1.1 A TRAJETÓRIA DA DISCIPLINA NO BRASIL.....	22
1.2 ALGUNS RECENTES OBSTÁCULOS EDUCACIONAIS NO BRASIL.....	27
<b>2 AS JUVENTUDES NAS MANIFESTAÇÕES DE RUA DO BRASIL: CONTEXTO HISTÓRICO.....</b>	<b>32</b>
2.1 PROBLEMATIZANDO O CONCEITO DE JUVENTUDES.....	34
2.2 AS MANIFESTAÇÕES DE RUA NO BRASIL:.....	38
<b>3 METODOLOGIA DE ENSINO: A RELEVÂNCIA DO PROFESSOR DE SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO.....</b>	<b>44</b>
3.1 AS MANIFESTAÇÕES DE RUA NAS AULAS DE SOCIOLOGIA.....	50
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>59</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>63</b>

## INTRODUÇÃO

O presente TCC - Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo problematizar a presença importante da Sociologia no Ensino Médio e evidenciar seu papel, também de relevância, na construção contínua de uma consciência cada vez mais crítica por parte dos estudantes. De modo mais específico, pretendemos problematizar sociologicamente o processo de construção, desconstrução/reformulação dos conceitos que os alunos levam para dentro da sala de aula, analisando como fica a interferência pedagógica do professor de Sociologia neste diálogo, que pretende promover um processo pedagógico cíclico entre a mediação do professor e o saber do aluno como algo a ser ampliado constantemente. Neste caso, queremos entender como se reflete este trabalho didático de mediação diante das recentes manifestações de rua que o Brasil vivencia.

O objetivo de problematizar esta questão da Sociologia no Ensino Médio de maneira ampla se deu após a elaboração do meu artigo da Licenciatura, publicado em 2013 com o tema “A Sociologia no Ensino Médio e seu Sentido para os Jovens Estudantes na Compreensão do Mundo Social”. Neste trabalho obtivemos resultados interessantes sobre o papel da disciplina na vida escolar e social dos alunos, através de entrevistas feitas com eles na escola.

Uma das questões abordadas foi: “*A Sociologia lhe ajuda a refletir sobre os conflitos sociais que você identifica, por exemplo, na família, na escola, no trabalho, com os amigos, enfim, na sociedade em geral?*” (SILVA, 2013, p.700). E, através de algumas respostas dos alunos do 1º ano do Ensino Médio de uma Escola Estadual de Londrina, foi possível perceber a capacidade de compreensão e de associação dos conteúdos que os professores trabalham em sala de aula, conforme abaixo<sup>1</sup>:

Resposta 01: *Sim, pois muitas vezes paro para pensar como na sociedade a muita desigualdade social. (ALUNO, 2013, 1º ano).*

---

<sup>1</sup> As falas foram transcritas tais como foram ditas.

Resposta 02: *Sim, porque nos dá uma visão diferente do que nossos pais nos ensinaram a ver a sociedade, e me ajudou a ver o mundo de uma outra maneira. (ALUNO, 2013, 1º ano).*

Resposta 03: *Sim, porque a Sociologia ajuda a entender a sociedade em geral. (ALUNA, 2013, 1º ano). (SILVA, 2013, p.700).*

Partindo desses primeiros achados de pesquisa no final do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais, percebemos a necessidade de avançar neste TCC do Bacharelado para o âmbito da compreensão sociológica acerca da atuação e da intervenção do professor e suas articulações pedagógicas para desenvolver este trabalho em sala de aula no Ensino Médio. Optamos por realizar este trabalho através de entrevistas abertas, considerando principalmente o recente cenário político e social brasileiro, onde os ideais conservadores da “Escola sem Partido”, por exemplo, vem interferindo na relevância do trabalho didático crítico da Sociologia na Educação Básica.

Consideramos, sobretudo, a mais recente e forte manifestação de rua ocorrida em 2013, inicialmente impulsionada pelas críticas ao aumento das passagens de transporte público, e que tomou maiores proporções nas capitais brasileiras. Sabemos que as manifestações não se resumiram à problematização social deste tema, pois tomou força em grandes regiões do país a partir de outras tantas temáticas que tentaremos revisitar rapidamente nos capítulos dessa monografia. Neste contexto, é possível perceber a capacidade de organização popular e como as redes sociais tiveram papel importante nesta elaboração, tomando lugar, por exemplo, até de um partido político.

Vimos que através das diversas formas de articulação das pessoas pelas redes sociais a organização popular obteve consistência e abrangência, tornando estas manifestações de junho de 2013, muitas vezes, apartidárias. Isto porque as redes sociais têm a capacidade de desenvolvimento e organização autônoma, conforme analisa Manuel Castells em seu livro “Redes de Indignação e Esperança: Movimentos Sociais na Era da Internet” (2013), tendo este poder de “auto-gestão”, diferentemente, por exemplo, das mídias como rádio e televisão, onde o poder público e grandes monopólios obtiveram um significativo domínio:

Começou nas redes sociais da internet, já que estas são espaços de autonomia, muito além do controle de governos e empresas - que, ao

longo da história, haviam monopolizado os canais de comunicação como alicerces de seu poder. Compartilhando dores e esperanças no livre espaço público da internet, conectando-se entre si e concebendo projetos a partir de múltiplas fontes do ser, indivíduos formaram redes, a despeito de suas opiniões pessoais ou filiações organizacionais. Uniram-se. (CASTELLS, 2013, p. 06).

Com isso, passou a nos interessar como os professores dessa disciplina trabalhavam este tema das recentes manifestações de rua na Sociologia, de que forma eles abordam este tema em sala de aula, em quais teorias é possível usar as manifestações como exemplo didático. Levando em conta o papel relevante do professor na mediação entre os saberes do aluno e os saberes científicos, objetivamos investigar como se dão essas trocas de experiências em sala de aula com os jovens do Ensino Médio.

Com o trabalho pedagógico planejado do professor, no sentido de mediação e não de imposição de saberes, entendemos que o aluno desenvolve a habilidade de criação, estimulando-se mais a fazer questionamentos, pois isso aguça sua curiosidade. Afinal, este jovem está em constante desenvolvimento intelectual, social e político.

Pensamos que o professor é responsável por criar pontes entre estes diferentes tipos de conhecimento e os saberes sociológicos, igualmente importantes. Neste período do Ensino Médio o aluno se encontra bastante curioso com o desenvolvimento dos fenômenos sociais que os rodeiam. Assim, não podemos deixar de trabalhar a habilidade de questionamento e de curiosidade científica em sala de aula. É importante trazer para as aulas de Sociologia interfaces com as relações sociais que são desenvolvidas para além dos muros ideológicos e estruturais da escola. Mas para isso os saberes dos estudantes devem também ser levados em conta na escola, sobretudo nos momentos de problematização dos conhecimentos científicos que a Sociologia propicia.

A Sociologia precisa ser uma disciplina que priorize este diálogo planejado com a realidade. Sabemos os obstáculos que a disciplina enfrenta e já enfrentou durante seu processo de efetivação nos currículos da Educação Básica, quando analisamos a trajetória das Ciências Sociais/Sociologia no Brasil. Mas, precisamos continuar defendendo a relevância da implementação da Sociologia nas

escolas de Ensino Médio, por meio de um trabalho sério que demonstre realmente suas contribuições na formação dos estudantes.

Neste trabalho de conclusão de curso, queremos pensar, sobretudo, nos obstáculos que os docentes enfrentam para aplicar de fato a teoria sociológica em sala de aula, e quais recursos são mais usados para driblar estas dificuldades, pois a Sociologia no Ensino Médio passou por inúmeras modificações, mas hoje se preocupa em estabelecer um diálogo com as juventudes, baseando-se na realidade concreta vivida por eles nesta sociedade tão permeada por diferentes desigualdades.

De acordo com as obras e documentos históricos, a Sociologia já foi incluída e retirada várias vezes do currículo. Presenciam-se também muitos debates acerca da diminuição da carga horária da disciplina, salários defasados, quantidade exagerada de alunos em sala de aula, e principalmente a delimitação de tempo da disciplina no currículo estabelecido para os professores da área, desafiando a todo o momento sua consolidação na Educação Básica.

Boa parte destes problemas é enfrentada diariamente por todos os professores da rede pública de ensino, conforme presenciamos nos últimos meses com a greve ocorrida em 2015 e que teve seu ápice em 29 de abril de 2015 em Curitiba, onde houve a concentração de inúmeros profissionais da área, oriundos de todo o estado, lutando por melhorias na educação pública estadual.

Naquele momento toda a rede de profissionais clamou por melhorias nas estruturas das universidades, mudanças nas condições de trabalho, pedindo salários mais dignos. Todos lutavam juntos contra o chamado “pacote de maldades” que estava em aprovação no governo do estado. Infelizmente, isso culminou no uso da força policial pelo governador Beto Richa, deixando várias pessoas feridas. A mobilização, pelo estado, no sentido de reforçar a ação policial contra os professores, deixou clara a desvalorização da profissão neste estado.

Pensando nesta luta que os professores vêm enfrentando, nos deparamos com a importância e a necessidade da disciplina de Sociologia no Ensino Médio problematizar tais fenômenos sociais e políticos, sob o prisma dos conteúdos propostos nas Diretrizes Estaduais do Paraná. Portanto, sempre procurando manter a qualidade na Educação Básica. Esta qualidade requer desenvolvê-la a partir de abordagens concretas sobre os atuais acontecimentos

sociais, oferecendo aos alunos mecanismos para a compreensão científica, de forma desnaturalizada e desmistificada do contexto social vivido por eles, assim como foi estabelecido pelas OCNs de 2006:

As razões pelas quais a Sociologia deve estar presente no currículo do ensino médio são diversas. A mais imediata, e de que já se falou, mas não parece suficiente, é sobre o papel que a disciplina desempenharia na formação do aluno e em sua preparação para o exercício da cidadania. Isso se tem mantido no registro do slogan ou clichê; quer-se ultrapassar esse nível discursivo e avançar para a concretização dessa expectativa. Para dar um conteúdo concreto a essa expectativa, pensa-se, então, numa disciplina escolar no ensino médio que fosse a tradução de um campo científico específico – as Ciências Sociais. Não se pode entender que entre os 15 e os 18 anos, após oito, nove, 10 anos de escolaridade, o jovem ainda fique sujeito a aprender “noções” ou a exercitar a mente em debates circulares, aleatórios e arbitrários. Parece que nessa fase de sua vida a curiosidade vai ganhando certa necessidade de disciplinamento, o que demanda procedimentos mais rigorosos, que mobilizem razões históricas e argumentos racionalizantes acerca de fenômenos naturais ou culturais. (BRASÍLIA, 2006, p. 109).

Neste processo, é preciso pensar a importância de se considerar os diferentes conhecimentos cotidianos dos alunos, pois cada aluno vivencia um contexto diferenciado e ao mesmo tempo comum, que pode ser problematizado e estranhado pela Sociologia, sob o prisma de várias abordagens teórico-metodológicas. Esta é uma das hipóteses que move esta monografia.

Levando em conta a relevância da mediação do professor durante as aulas de Sociologia, é preciso pensar neste processo como uma forma dinâmica e cíclica. O professor pode partir das noções trazidas pelo aluno para iniciar a aula teórica. Se estas noções são valorizadas e problematizadas, o aluno trabalha suas dúvidas com o professor, sem medo de participar e se inserir democraticamente nos debates em sala de aula. É através da “prática social” (conceito desenvolvido por Saviani) que entendemos ser importante o professor abordar previamente os saberes dos alunos, acrescentando e desenvolvendo processualmente os conceitos científicos, sendo assim:

É justamente, pensando nessa “prática social” que o professor deve estar ciente de que não basta tratar somente de conteúdos atuais em sala de aula, mas sim, também, resgatar conhecimentos mais

amplos e históricos, para que os alunos possam interpretar suas experiências e suas aprendizagens na vida social. (BULGRAEN, 2010, p. 32).

Assim, para contextualizar este TCC, é preciso uma breve abordagem histórica das principais manifestações de rua ocorridas no país, começando pelas “Diretas Já” de 1983-1984, destacando o papel do movimento estudantil. Com isso, queremos abordar os principais acontecimentos que, no nosso ponto de vista, levaram às manifestações de 2013. Queremos ainda pensar quais as relações que as atuais reivindicações têm com as ocorridas na década de 1980.

Tudo isso há de ser interfacetado com o trabalho de campo que foram as entrevistas com 07 docentes, todos eles formados em Ciências Sociais, egressos da UEL e atuantes na rede pública de ensino de diversas regiões de Londrina, onde buscamos investigar os aspectos metodológicos e didáticos que eles utilizam para tratar destes assuntos em sala de aula.

Com o trabalho de campo tivemos uma breve noção de como o professor consegue desenvolver as teorias clássicas, utilizando de um exemplo atual. Sabemos que em alguns casos o aluno se depara com estas questões fora da sala de aula e tem dificuldade de problematizá-las cientificamente. Assim, podemos partir para a discussão da relevância da Sociologia neste período de formação do aluno.

## CAPÍTULO I

### A RELEVÂNCIA DA SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO

A discussão sobre a relevância da Sociologia no currículo do Ensino Médio é necessária para compreendermos como desnaturalizarmos, durante as aulas, algumas pré-noções que o aluno traz para a sala de aula sobre o papel da própria Sociologia.

Entendemos que é importante deixar claro para todos os alunos que a Sociologia faz parte de todos os contextos da vida, na escola, no trabalho, na família e das outras relações sociais. Esse contexto parece ser uma “porta de entrada” para a reflexão sobre o nosso trabalho na escola.

É preciso considerar também a Sociologia no Ensino Médio como um processo que insere os indivíduos, de modo mais crítico e questionador, na compreensão mais profunda do que significa a vida em sociedade. Por isso, a LDB de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) relaciona a Sociologia com a formação para a cidadania.

§1º Os conteúdos, as metodologias e as formas de avaliação serão organizados de tal forma que ao final do ensino médio o educando demonstre: I – domínio dos princípios científicos e tecnológicos que presidem a produção moderna; II – conhecimento das formas contemporâneas de linguagem; III – domínio dos conhecimentos de Filosofia e de Sociologia necessários ao exercício da cidadania (LEI Nº 9.394, 1996, Artigo 36).

Para além da sala de aula, a intenção é que com esta disciplina, obtenham ferramentas que os possibilitem fazer a desnaturalização de tudo aquilo com o qual se depararam no contexto social. Esse é um dos objetivos maiores das OCN's, que observa, por exemplo, a Sociologia como uma disciplina de “caráter crítico e transformador, funcionando muitas vezes como um discurso conservador, integrador e até cívico – como aparece nos primeiros manuais da disciplina” (BRASÍLIA, 2006).

Trabalhar os fenômenos sociais é algo que encontramos nas outras disciplinas das Ciências Humanas (História, Filosofia ou Geografia). Mas, a

Sociologia tem seu modo específico de trabalhar estes fenômenos. Conforme já analisado na obra “E com a Palavra: Os Alunos - Estudo das Representações Sociais dos Alunos da Rede Pública do Distrito Federal sobre a Sociologia no Ensino Médio”, pelo professor Erlando da Silva Rêses, em 2004,

É da natureza da Sociologia, desde o seu nascimento no século XIX, no transcurso das duas grandes revoluções (industrial e francesa), apresentar um caráter intervencionista. A Revolução Industrial produziu efeitos que mereciam ser analisados. Surgiram problemas sociais das mais diferentes ordens: crescimento da prostituição, do suicídio, do alcoolismo, do infanticídio, da criminalidade, da violência, das epidemias, etc. (RÊSES, 2004, p.24).

Considerando tal contexto, é evidente que a disciplina tenha esta natureza “ativista”. Em seu interior ocorrem discussões de diversas correntes ideológicas e o desenvolvimento de teorias com a finalidade de analisar o meio social sob variados aspectos, partindo normalmente do todo para explicação e definição dos detalhamentos de um dado determinado fenômeno social.

Quando se analisa o processo de ensino, de acordo com o artigo “O papel do professor e sua mediação nos processos de elaboração do conhecimento”, de Vanessa Cristina Bulgraen (2010), devemos destacar a importância do papel do professor em todo este processo, pois este é parte primordial na aprendizagem do aluno.

O professor pode ser observado como guia neste processo, se sua postura mediadora possibilitar um caminho para o conhecimento seja feito de forma crítica e ativa, demonstrando que o ensino em si não se resume a uma simples transferência de conhecimento entre professor e aluno.

O docente precisa adotar um papel de trabalhador social e mediador na educação, permitindo que haja a construção de saberes críticos na vida do educando, tornando-o um ser mais atuante na sociedade. Para Bulgraen:

Percebemos então, que em relação à educação, o docente tem nas mãos a responsabilidade de agir como sujeito em meio ao mundo e de ensinar para seus educandos o conhecimento acumulado historicamente, dando-lhes a oportunidade de também atuarem como protagonistas na sociedade. (BULGRAEN, 2010, p. 31).

Este processo de construção do conhecimento se dá de forma coletiva e mútua entre professores e alunos no âmbito da sala de aula, e com os demais agentes que compõem o corpo escolar fora da sala, ou seja, todos os profissionais da educação. Com um objetivo em comum, o desenvolvimento intelectual, cognitivo e social do aluno.

Cada papel desenvolvido na escola exige evidentemente uma preparação que parte da formação acadêmica, ou seja, a base para um bom desempenho profissional está nesta formação inicial desses profissionais da educação. A partir disso, surge uma necessidade de correlacionar o mundo científico e acadêmico com o mundo da escola, ou seja, o professor recém formado e até mesmo aquele que faz parte do meio escolar há um tempo, devem constantemente atrelar seu papel de pesquisador com o de educando.

Mas, esta relação de hierarquia entre pesquisa e ensino ainda continua sendo um desafio em várias áreas do conhecimento. Infelizmente a pesquisa continua tendo um lugar de destaque se comparada às questões relativas ao ensino. Por isso, ainda é um desafio estruturar cursos que realmente priorizem a formação do professor pesquisador.

Com relação às Ciências Sociais houve esta configuração de divisão entre a ciência e o ensino, devido a trajetória de implementação da Sociologia no Ensino Médio, sendo assim:

A estruturação dos discursos pedagógicos e dos currículos que organizaram os saberes e as disciplinas nos diferentes contextos sociais e políticos delimitou os códigos e as categorias que transmitiram e reproduziram os padrões de comunicação entre o campo científico e o campo da educação. Tais padrões foram marcados pelo fenômeno de criação das fronteiras entre as atividades, tais como: a de pesquisa e a de ensino, a da ciência e da educação, ou ainda, das atividades de pesquisa, administração e ensino. Esse movimento de estabelecimento de hierarquias e de princípios de classificação entre essas atividades configurou o ensino das Ciências Sociais/Sociologia no Estado do Paraná, evidenciando os problemas da relação das Ciências Sociais com a educação escolar, da formação dos cientistas sociais para a pesquisa e para o ensino, e da presença intermitente da Sociologia nos currículos do ensino médio. (SILVA, 2006, p.17).

Podemos observar este processo de supremacia da pesquisa em relação ao ensino como um dos grandes desafios do professor de Sociologia. Principalmente quando estamos inseridos em uma sociedade composta por inúmeras complexidades, tornando ainda mais necessário o uso da didática para desenvolver o conceito científico destes fenômenos vividos. Aí se insere a desvalorização que ainda ocorre do trabalho dos supervisores de estágio nos cursos de formação de professores nas universidades.

Neste caso percebemos que o ensino de Sociologia se faz extremamente necessário. É ensinando a ensinar Sociologia que podemos reorganizar formas cada vez mais eficazes de socializar tais saberes com as juventudes nas escolas e como aprender e ensinar conhecimentos sociológicos a indivíduos, imersos na crescente flexibilização e dinamismo das relações sociais. Tudo isso torna este ensino cada dia mais heterogêneo e desafiador.

Na obra de Florestan Fernandes (1959), *“O ensino da Sociologia na escola secundária brasileira”*, o autor faz uma análise da importância da Sociologia como disciplina na escola secundária, que hoje corresponderia ao Ensino Médio. O autor relaciona tal necessidade ao desenvolvimento de diversas esferas da sociedade moderna, como a economia e o trabalho, mostrando que a Sociologia pode orientar as novas gerações para a compreensão das mudanças sociais.

A crítica do autor se faz no formato de Ensino Secundário da época (hoje Ensino Médio), ou seja, este seria o período de formação necessária para o ingresso do aluno no ensino superior e deveria ser mais valorizado:

O ensino secundário preenche no sistema educacional brasileiro uma função educativa auxiliar e dependente. Seu objetivo consiste em preparar os educandos para a admissão nas escolas de nível superior. Por sua natureza e por seus fins, tem sido descrito como um “ensino aquisitivo”, de caráter humanístico-libertário, de extensão enciclopédica e de ação propedêutica, mais preso à tradição acadêmica herdada do passado, que às necessidades intelectuais impostas pelo presente. (FLORESTAN, 1959, p.97).

Considerando que a escola pública é a alternativa concreta de acesso ao saber para grande parte da população brasileira ainda hoje, nos damos conta ainda mais da necessidade da existência de disciplinas que abordem

profundamente o meio social, a história das sociedades, dos diferentes grupos humanos, das culturas e da complexidade dos anseios dos seres sociais e políticos.

Afinal, todas as relações sociais acabam adentrando à escola, uma vez que tal meio é composto por indivíduos derivados de inúmeros contextos sociais de vida, classes sociais e estruturas familiares complexas. Diante de todo este contexto de discussões sobre a implementação da Sociologia no Ensino Médio e seus desafios, percebemos que até mesmo neste aspecto a disciplina se apresenta como desafiadora, principalmente para os professores e pesquisadores da área.

## **1.1 A TRAJETÓRIA DA DISCIPLINA NO BRASIL**

Quando analisamos a trajetória das Ciências Sociais no Brasil, percebemos o quão jovem é tal ciência em nosso país, e principalmente a inserção da Sociologia nos currículos das escolas, que teve início no fim do século XX (RÊSES, 2004). Até, então, a inserção da disciplina era oscilante. Sua trajetória é marcada por diferentes períodos, ora de inserção de fato e ora por momentos em que fora praticamente banida de vez.

Primeiramente, conforme descrito nas OCN's sobre Conhecimentos de Sociologia (BRASÍLIA, 2006), em 1870, Rui Barbosa propõe uma reforma para substituir a disciplina "Direito Natural" pela Sociologia, com a defesa de que o Direito era mais relacionado com a sociedade ou com as relações sociais do que com o "estado de natureza". Porém, esta reforma é estacionada devido a morte do ministro da Instrução Pública.

De forma gradativa a disciplina ganha espaço nas grades curriculares da escola secundária e do ensino superior, praticada de maneira geral por advogados, médicos e militares. Servia sempre como forma de justificar o papel transformador ou conservador da educação, considerando o contexto, os homens e seus interesses. A Sociologia é integrada aos currículos das escolas normais e nos cursos preparatórios nas primeiras décadas do século XX (BRASÍLIA, 2006). Com isso a formação científica do professor passa também por transformação, através de

substituições de disciplinas como a de “Trabalhos Manuais” e “Atividades Artísticas” pela Sociologia e pela Psicologia, oferecendo um caráter científico para sua carreira.

Antes de 1931 a disciplina era ofertada apenas em alguns dos cursos superiores, e a partir deste ano, durante o período do Governo Vargas, a disciplina passa a ser ministrada no ensino secundário, que preparava o aluno para o Ensino Superior. Implantado na reforma de Francisco Campos, Ministro da Educação, tais cursos preparatórios eram destinados para o egresso nos cursos de Direito, Engenharia, Arquitetura e Ciências Médicas, ou seja, este currículo era destinado a uma elite da sociedade, levando em conta o contexto da época onde a maioria da população era analfabeta, quando não, mal chegava aos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Quando analisamos este contexto social, percebemos que ainda havia um grande número de pessoas habitando as áreas rurais. (RESES, 2004).

No primeiro capítulo da obra de Reses (2004), intitulado “Sociologia no Ensino Médio: Uma Presença Instável”, percebemos a disciplina de forma oscilante, pois em 1942 a Sociologia volta a ser excluída dos currículos, no ápice da era ditatorial do Estado Novo, quando o Ministro Gustavo Capanema pretendia desvincular o ensino secundário do ensino superior, retomando a discussão de um ensino voltado para formação humanística, moral e religiosa, o contrário da reforma de Campos, voltada para o ensino preparatório e científico.

Com o documento de Orientação Curricular da Sociologia de 2006, as OCN's, é possível observarmos a cronologia do ensino da disciplina de modo geral no país. Também em 1942 o ensino secundário passa a ser denominado como Colegial. A Sociologia se torna permanente, porém, como disciplina optativa ou facultativa nos currículos após a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Ainda com esta Lei de Diretrizes e Bases de 1961 não houve de fato a implementação permanente da disciplina, segundo Reses:

Mesmo diante da intensificação dos debates em torno do ensino de Sociologia no sistema secundário, a primeira Lei de Diretrizes e Bases, promulgada no país em 20 de dezembro de 1961, não apresentou avanços com relação a reinclusão dessa disciplina. Essa lei possibilitou uma certa autonomia aos Estados para a indicação de disciplinas complementares e optativas no currículo do ensino secundário. Cabia ao Conselho Federal de Educação a indicação

das disciplinas obrigatórias. Ressalta-se que a Sociologia não constava em nenhuma das indicações. Só com a Resolução nº 7, de 23 de dezembro de 1963 do Conselho Estadual de Educação de São Paulo, é que a Sociologia estaria presente como disciplina optativa dos cursos clássico, científico e eclético. (RESES, 2004, p.22).

Na LDB seguinte, Lei nº 5.692/71, de acordo com as OCN's de 2006, é mantido o caráter optativo e ela passa a ser vinculada apenas ao curso denominado obrigatoriamente profissionalizante, ou seja, a disciplina também está marcada pela expectativa técnica. A Sociologia da Educação nos cursos de Magistério dá o sentido científico às discussões sobre a formação social e os fundamentos sociológicos da educação.

Neste mesmo período em 1973, conforme observamos nos registros feitos na tese de doutorado de 2006 “Das Fronteiras Entre Ciência e Educação Escolar: As configurações do ensino das Ciências Sociais/Sociologia no Estado do Paraná (1970-2002)” da Professora Ileizi Luciana Fiorelli Silva, docente da UEL/Londrina, o curso de Ciências Sociais é instalado na UEL, e também nas demais fundações de ensino, como por exemplo, a UFPR (Universidade Federal do Paraná). Estes passaram pela reforma universitária imposta pelo governo federal em 1968, estabelecendo no lugar de “Faculdade” os chamados “Setores”, entre outros fatores criados para a administração e elaboração da educação, mesmo sendo um período marcado pelo Regime Autoritário estabelecido após o Golpe Militar.

Isso nos dá a percepção, segundo Fiorelli Silva (2006), de que a reforma educacional se fez em boa parte do país com a mobilização de vários profissionais da área e por agentes políticos:

Além disso, há experiências de inclusão da Sociologia nos currículos do ensino médio e há agentes das universidades que atuam, também, nas burocracias educacionais e políticos que defendem em nível nacional a disciplina, como foi o caso do deputado federal do Paraná, Padre Roque Zimmermann. É possível evidenciar que a disciplina Sociologia faz algum sentido para parcelas e grupos ligados à educação básica. (SILVA, 2006, p. 22 e 23).

E como podemos constatar nas OCN's (2006), com a implementação da escola média profissionalizante obrigatória, surgem obstáculos e limites na sua sustentação, como falta de técnicos e condições materiais para a

formação destes, devido à falta de equipamentos, professores e recursos. Tudo isso é decorrente da crise existente, ou seja,

A crise do “milagre econômico brasileiro”, na passagem da década de 1970 para a de 1980, acaba revelando os limites para sustentar a escola média profissionalizante obrigatória: não há demanda para tantos técnicos assim, nem há condições materiais objetivas para a formação desses técnicos, pois faltam equipamentos, professores e recursos. Assim, em 1982, como parte da “abertura lenta, gradual e segura”, ainda que tardiamente, o governo flexibiliza a legislação educacional com a Lei nº 7.044/82 e revoga a obrigatoriedade do ensino profissionalizante, abrindo a possibilidade de os currículos serem diversificados. Aproveitando essa oportunidade, a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, por exemplo, passa a recomendar que as escolas incluam em seus currículos Sociologia, Filosofia e Psicologia. Começa, então, uma longa retomada da presença da disciplina nas escolas secundárias propedêuticas, ao lado da Sociologia da Educação nos cursos de Magistério. (BRASÍLIA, 2006, p.102 e 103).

Com isso, surge a necessidade de desenvolver novos livros didáticos e elaboração de algumas pesquisas. E, rapidamente vários outros estados tornam a Sociologia obrigatória, consolidando sua presença nos currículos. Sendo assim, em Londrina, Paraná, não poderia ser diferente, conforme analisa Ileizi Luciana Fiorelli Silva (2006). Segundo ela, nos anos de 1988 até 1994, foram elaboradas duas propostas de currículos pelas Professoras Milena Martinez e Wanirley Guelfi da UFPR, e em Londrina, como material pedagógico, o Professor da UEL Nelson Dácio Tomazi, desenvolve um livro didático que passa a ser referência nacional.

Após este período, em 1999 a pós-graduação em Ensino de Sociologia nas escolas passa a ganhar força e destaque, assim como também em cursos de extensão, como os cursos coordenados na UEL pela Professora Lesi Correa. Esta docente foi uma das grandes responsáveis pela implementação da disciplina de Sociologia nas 62 escolas Estaduais de Londrina.

Na década de 2000 a Sociologia passa a ser matéria no Processo Seletivo Vestibular em algumas universidades. Na UFPR iniciam-se pesquisas sobre a necessidade da Sociologia no Ensino Médio e em 2007 a disciplina entra nas provas de vestibulares de fato, como mostra toda a trajetória analisada por Ileizi

Silva (2006), em sua tese de doutorado defendida na USP, sob a orientação da Profa. Heloisa Martins.

Com todo este percurso, já problematizado por Ileizi Silva (2006), percebemos que o estudo sobre ensino de Sociologia e Ciências Sociais se faz ainda mais necessário quando temos um contexto de extrema complexidade das relações sociais, dos conflitos e relações culturais que precisa ser analisado pelos jovens, desde o Ensino Médio.

Assim, se faz necessário o aprimoramento do modo de ensinar Sociologia. Precisamos buscar sempre a melhor forma de socializar e ensinar o indivíduo respeitando o que ele já sabe e traz para a escola, levando em conta a flexibilização e dinamismo das relações sociais.

Por tudo isso, dizemos que este ensino acaba se tornando cada vez mais heterogêneo, seja ele no âmbito formal ou informal. A própria complexa divisão do trabalho na produção material acaba refletindo no campo da divisão do trabalho educacional e científico no Brasil como um todo, fazendo com que o ensino e a formação de professores se tornem cada vez mais fortes, assim como cada vez mais institucionalizado o sistema científico e educacional. (SILVA, 2006).

Institucionalizado o ensino de Sociologia este tema passa a se tornar importante para os agentes de diversos setores, como os de organização e planejamento da educação, o setor político entre outros. Os obstáculos se complexificam. Mas uma forma de romper esta barreira é a compreensão e análise das diversas fronteiras que cercam os espaços sociais, fazendo com que o ensino e a formação da Sociologia se tornem realmente relevantes, ou seja,

Dessa forma, ressalta-se que o estudo sociológico sobre o ensino das ciências sociais/sociologia torna-se pertinente, justamente, no contexto de intensificação dos conflitos sociais, das diferenciações internas e externas das instituições sociais, da divisão do trabalho, enfim da complexificação da vida cultural. Esses processos dissolvem a todo momento os consensos sobre o que ensinar e sobre como socializar os indivíduos. Os conteúdos e as formas de socialização, na educação informal e formal, são variados, heterogêneos e os princípios de hierarquização/classificação são flexíveis, forçando a sociedade a entrar, constantemente, em processos de reforma, de adequação e de mudança. (SILVA, 2006, p.35).

Percebemos que assim como os demais países, o Brasil se enquadra ou tenta se enquadrar, na lógica de desenvolvimento educacional capitalista, respeitando sua estrutura de classes. Neste contexto, é possível constatar ainda hoje todo o incentivo estatal para escolas privadas e especializadas voltadas para a classe dominante.

Do outro lado, sem incentivo, sem estrutura e cada dia mais precarizadas estão as escolas voltadas às classes populares, de modo geral a escola pública, com o enfrentamento diário de obstáculos cada vez mais complexos, como por exemplo, a falta de professores, a persistência de estruturas precárias, a escassez de recursos, a desvalorização da formação continuada, entre outros problemas.

## **1.2 ALGUNS RECENTES OBSTÁCULOS EDUCACIONAIS NO BRASIL**

Atualmente enfrentamos uma crise econômica que afeta o sistema capitalista de modo geral. Percebemos aspectos desta crise em vários países do mundo. No Brasil, evidentemente, como característica da política neoliberal exacerbada, a esfera da sociedade que sente mais os efeitos da crise, são as classes populares, ou seja, a população pobre que é maioria no país.

Com tal política econômica vigente, para “superar” a crise, aplica-se cortes de “gastos” no âmbito da educação, saúde e segurança. Nos últimos anos, de 2013 até então, é possível observar um colapso ainda maior nos investimentos que deveriam ser feitos na educação pública, levando os trabalhadores deste setor a se mobilizarem inúmeras vezes. Em 2015 vários estados do Brasil tiveram professores e outros profissionais da educação em mobilizações sociais para reivindicar por melhorias nas suas condições de trabalho.

No Paraná, em 2015, houve greve por quase três meses, devido a uma proposta aprovada pelo Governador Beto Richa (PSDB), no sistema de previdência dos professores. Dentre as propostas que mais incomodaram os docentes, estava o corte de verbas do ParanaPrevidência que possuía um valor de aproximadamente R\$ 8 bilhões. Este valor seria uma espécie de “poupança” retirada

mensalmente do salário dos servidores por anos, retirando a responsabilidade do poder público estadual gerenciar corretamente tal direito, conquistado duramente pelos trabalhadores da educação. Este valor teria capacidade de bancar os servidores aposentados por até 57 anos, e com a proposta do Governador, este tempo cairia para 29 anos<sup>2</sup>.

Houve manifestações e paralisações em várias cidades do estado, culminando em uma organização maior no dia 29 de abril de 2015. Vários profissionais da educação e alunos se mobilizaram e se deslocaram até a capital do Paraná e lá sofreram um embate direto com o Governo. Neste dia a manifestação acabou com um verdadeiro massacre destes profissionais. O governo Beto Richa não abriu diálogo e para piorar a situação fez uso do seu aparelho legítimo de violência, a Polícia Militar. Este ocorrido, sem dúvidas, marcou de forma trágica e sangrenta a história da luta dos professores no estado, pois muitas pessoas saíram de Curitiba com marcas físicas e psicológicas que jamais serão esquecidas.

Na luta por reajuste salarial e garantia de outros direitos, os professores finalizaram a greve em acordo do Sindicato com o governo. Este episódio marcou todo o ano letivo de 2015 se estendendo até 2016, com significativas alterações nos calendários escolares das escolas estaduais e das sete universidades estaduais.

As escolas e universidades, não só do Paraná, como de diversos estados, ainda permanecem trabalhando com escassez de recursos. Infelizmente estas instituições mantêm-se abertas com cortes significativos de recursos de custeio, o que têm impactado no pagamento de bolsas de estudantes que participam de projetos, nas pesquisas, nas viagens acadêmicas, enfim, em todos os serviços essenciais da universidade. É o que vem ocorrendo com a UEL desde segunda metade de 2014. Tudo isso faz com que o ato de ensinar se torne ainda mais uma luta diária.

No meio de todo esse contexto de crise econômica e política, recebemos mais surpresas desagradáveis e de grande impacto para a educação. Estamos nos referindo ao projeto de lei mais recente e polêmico que a educação

---

<sup>2</sup> UOL. Protestos no PR: Entenda por que os professores estão em greve. Curitiba, 04 de maio de 2015.

pública recebeu, a chamada “Escola Livre”<sup>3</sup> desenvolvida pelo deputado Ricardo Nezinho (PMDB) de Alagoas. Com base na ideia do Projeto “Escola Sem Partido”<sup>4</sup> que está se disseminando em todos os espaços de discussão política partidária, ou seja, no Congresso Nacional, nas Câmaras Estaduais e Municipais, assim como no caso de Alagoas.

Neste projeto o deputado estabeleceu cinco artigos compostos por orientações que o docente deve seguir como postura em sala de aula, enfatizando a “neutralidade” que o profissional deve ter. Sua justificativa para a elaboração do projeto foi a seguinte:

É fato notório que professores e autores de livros didáticos vêm se utilizando de suas aulas e de suas obras para tentar obter a adesão dos estudantes e determinadas correntes políticas e ideológicas; e para fazer com que eles adotem padrões de julgamento e de conduta moral – especialmente moral sexual – incompatíveis com os que lhes são ensinados por seus pais ou responsáveis. (ALAGOAS, 2016, s/p).

A Sociedade Brasileira de Sociologia elaborou uma nota de repúdio em 2016<sup>5</sup>, após inúmeras denúncias recebidas de professores de Sociologia que foram demitidos como forma de punição. A justificativa desses adeptos da Escola Sem Partido vem do fato de supostamente aplicarem orientações ideológicas à análise dos conteúdos da disciplina, algo que deveria ser evitado por eles.

De acordo com o deputado Ricardo Nezinho (PMDB) de Alagoas, como ressalta no 1º Artigo do projeto de lei, é “direito dos pais a que seus filhos menores recebam a educação moral livre de doutrinação política, religiosa ou ideológica”, ou seja, o docente não deve desenvolver ideias e teorias que vão contra aquilo que é ensinado pelos pais.

Com toda certeza este tipo de viés causa um grande retrocesso para a educação no país e com isso a SBS ressalta que,

---

<sup>3</sup> Ricardo Nézinho. Conheça o projeto Escola Livre aprovado pela Assembleia Legislativa. Alagoas, 11 de janeiro de 2016.

<sup>4</sup> Espaço Acadêmico. “Escola sem partido”: imposição da mordaza aos educadores. 29 de julho de 2016.

<sup>5</sup> Sociedade Brasileira de Sociologia. Nota da SBS sobre as demissões de professores e censura ao ensino de sociologia na educação básica. Porto Alegre, 26 de abril de 2016.

Conforme as Orientações Curriculares Nacionais, a Sociologia no Ensino Médio é o espaço das ciências sociais nas instituições de ensino. Nesse sentido, considerando-a uma ciência pluri-paradigmática, ela é o lócus do acesso a uma densa produção constituída por diversos autores clássicos e contemporâneos, representantes de diferentes perspectivas analíticas fundamentadas em tradições teóricas que fazem parte da fortuna intelectual de nossa sociedade. Por isso, distintas vertentes teóricas não podem ser ignoradas em função da orientação familiar ou da comunidade local. Do mesmo modo, não se pode ignorar o potencial reflexivo das diferentes correntes teóricas da sociologia, particularmente em relação ao contexto social brasileiro, tão heterogêneo em suas desigualdades econômicas, culturais, étnicas e sociais. (SBS, 2016, s/p).

Percebemos o quanto os ideais da chamada “Escola Sem Partido” afeta a autonomia do docente em sala de aula. Atrapalha na autonomia de desenvolver trabalhos didáticos sérios e impede muitos avanços para abordagem de temas significativos da vida cotidiana do aluno, como, por exemplo, a questão de gênero.

Felizmente o que embasa o trabalho sério dos professores de Sociologia nas discussões sobre gênero, diversidades, direitos humanos, questões étnico-raciais e demais conteúdos relevantes são os documentos legais que estão muito acima desse projeto de “pseudo-neutralidade” da Escola sem Partido, como a Resolução CNE/CP nº 02-2015 que Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (Cursos de Licenciatura, Cursos de Formação Pedagógica para Graduados e Cursos de Segunda Licenciatura) e para a Formação Continuada.

Estamos vivenciando um momento histórico de desconstrução de ideias machistas e sexistas, principalmente com o empoderamento da mulher, e isso deve contar com abordagens teóricas dentro da sala de aula. Afinal, o maior objetivo e responsabilidade do docente é oferecer mecanismos para o aluno compreender o mundo ao seu redor, conforme afirma Bulgraen (2010, p.31) “o docente tem nas mãos a responsabilidade de agir como sujeito em meio ao mundo e de ensinar para seus educandos o conhecimento acumulado historicamente, dando-lhes a oportunidade de também atuarem como protagonistas na sociedade”.

Com este projeto de lei aprovado em abril deste ano na Assembleia Legislativa de Alagoas, demos o primeiro passo rumo ao retrocesso na educação. A

Secretaria da Educação de Alagoas repudiou tal aprovação e entrou com recurso para recorrer à decisão. Isso nos dá uma ideia da necessidade dos embates políticos de rua, diante dos interesses que vão contra a base democrática das teorias pedagógicas.

Resolução CNE/CP nº 02-2015, que Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para todos os cursos de licenciaturas do país (públicos e privados), publicada em 1º de julho de 2015, traz como um dos seus conceitos, a ideia da igualdade de condições para o acesso e a permanência na escola; a liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber; o pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas; o respeito à liberdade e o apreço à tolerância; a valorização do profissional da educação; a gestão democrática do ensino público; a garantia de um padrão de qualidade; a valorização da experiência extraescolar; a vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais; o respeito e a valorização da diversidade étnico-racial, entre outros, constituem princípios vitais para a melhoria e democratização da gestão e do ensino.

## **CAPÍTULO II**

### **AS JUVENTUDES NAS RECENTES MANIFESTAÇÕES DE RUA DO BRASIL**

Quando pensamos na postura crítica e política da Juventude brasileira recordamos do movimento da Contracultura ocorrido na década de 60 e 70 que se expandiu por diversas partes do mundo, como uma crítica ao sistema capitalista e o consumo exacerbado da sociedade. Sobre isso, Zaneti (2001) nos diz que “um dos exemplos mais marcantes desse fenômeno foram os acontecimentos de maio de 1968 na França, cujos efeitos têm servido como inspiração dos jovens para muitas manifestações políticas em diferentes países do mundo” (2001, p. 21).

Em muitos momentos o jovem se manteve presente nas rupturas sociais se articulando através de movimentos estudantis e autônomos, ou seja, o jovem é, portanto, “uma potencialidade pronta a solidarizar-se com movimentos sociais dinâmicos, que pode levá-lo a apoiar desde movimentos totalitários ou conservadores até iniciativas democráticas ou de transformação social” (SCHMIDT, 2001, p.188).

Evidentemente que sua atuação se estabeleceu e ainda se faz sob a crítica da ordem conservadora e seus valores morais, conforme aponta a história de suas lutas. Assim, para Venturi (2000), “a juventude passou a ser definida como sendo por essência ser rebelde, revolucionária, sempre pronta a propor utopias transformadoras” (2000, p. 01).

Levando em conta que, os jovens ocupam vários espaços dentro da sociedade, ou seja, família, escola, trabalho, igreja, espaços públicos, redes *on-line*, etc., é possível observar sua capacidade de questionamento e organização através desses meios. Por isso, que a “a juventude não existe como fenômeno universal supra-histórico. O que existe em cada período é um conjunto multifacetado de jovens, condicionados e interagindo com o meio social em que vivem” (SCHMIDT, 2001,p.188). A escola é também outro grande espaço de concentração e atuação dos jovens em nossa sociedade, ou seja, é um local onde muitos deles passam a maior parte do tempo, sendo assim, este espaço deve ser munido de conhecimento, informação, cultura e lazer.

Dentre estas funções a escola poderia oferecer ao aluno uma visão crítica da sociedade como um todo, onde ele pode expressar seus questionamentos, considerando sua vivência externa. Com todo este aparato de espaço e organização surgem os grêmios estudantis, onde o jovem passa a elaborar uma postura política na prática.

Este espaço é ocupado como um todo pelos jovens alunos, cada local da escola é transformado pela sua presença e atuação, por mais que os demais sujeitos que ali ocupam tentam estabelecer aquele espaço como um local estritamente feito para a educação, o jovem transforma em local de trocas de experiências, amizades, entre outras de suas relações sociais.

Assim como Juarez Tarcisi Dayrell (1996) evidencia em sua obra *A Escola como Espaço Sócio cultural*, onde os alunos usufruem deste espaço com toda sua carga social trazida de fora da escola, ou seja, são alunos que advêm de vários contextos sociais e econômicos, tornando inviável a escola padronizar a forma de abordagem.

No livro, o autor faz uma crítica sobre esta postura de homogeneizar o ensino que as escolas em geral elaboram. Para ele a escola deve ser compreendida

como espaço sócio-cultural significa compreendê-la na ótica da cultura, sob um olhar mais denso, que leva em conta a dimensão do dinamismo, do fazer-se cotidiano, levado a efeito por homens e mulheres, trabalhadores e trabalhadoras, negros e brancos, adultos e adolescentes, enfim, alunos e professores (DAYRELL, 1996, p.01).

Quando pensamos a escola como um espaço cultural ocupado pelo jovem aluno, percebemos em cada espaço a sua atuação, ou seja,

Os alunos, porém, se apropriam dos espaços, que a rigor não lhes pertencem, recriando neles novos sentidos e suas próprias formas de sociabilidade. Assim, as mesas do pátio se tornam arquibancadas, pontos privilegiados de observação do movimento. O pátio se torna lugar de encontro, de relacionamentos. O corredor, pensado para locomoção, é também utilizado para encontros, onde muitas vezes os alunos colocam cadeiras, em torno da porta. O corredor do fundo se torna o local da transgressão, onde ficam escondidos aqueles que "matam" aulas. O pátio do meio é re-significado como local do namoro. É a própria força transformadora do uso efetivo sobre a imposição restritiva dos regulamentos. Fica evidente que essa re-

significação do espaço, levada a efeito pelos alunos, expressa sua compreensão da escola e das relações, com ênfase na valorização da dimensão do encontro (DAYRELL, 1996, p. 30).

Ao constatarmos esta presença marcante do jovem na sociedade, em todos os espaços ocupados por eles, é preciso avançar para uma análise acerca do conceito de juventude, para que a partir disto possamos analisar sua postura diante das grandes manifestações no Brasil.

## 2.1 PROBLEMATIZANDO O CONCEITO DE JUVENTUDES

Para conceituar a ideia de Juventude, é preciso uma contextualização, pois segundo Sander<sup>6</sup>, “atualmente não é mais possível falarmos de uma juventude, pois são muitas as juventudes das quais ouvimos falar ou das quais falamos” (2010, p.01), ou seja, quando se fala em juventude devemos considerar que falamos de contextos distintos, com características econômicas, culturais, de gênero, de etnias, enfim, este conceito, assim como o contexto em que vivemos deve ser tratado de forma plural.

A análise de juventudes é posto também por Luís Antônio Groppo (2004) no artigo: *Dialética das juventudes modernas e contemporâneas, como sendo um grupo pluralizado e composto por multiplicidades*. Para o autor, o conceito sociológico de juventudes não pode ser observado como um grupo coeso, pois além de tudo é um objeto de estudo contemporâneo da Sociologia. Groppo (2004) dialeticamente demonstra a preocupação de estudar este tema, para ele a juventude passa pela categoria social sendo então um “construcionismo” social, isto é, “a juventude não existe como fenômeno universal supra-histórico. O que existe em cada período é um conjunto multifacetado de jovens, condicionados e interagindo com o meio social em que vivem” (SCHMIDT, 2001, p.188).

---

<sup>6</sup>SANDER, Cristiane. Juventude e participação: um processo pedagógico. In: *III CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL*, 3., 2010, São Paulo. Proceedings online. Associação Brasileira de Educadores Sociais (ABES), Available from: <[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC000000092010000100004&lng=en&nrm=abn](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000092010000100004&lng=en&nrm=abn)>. Acesso em: 08 Jul. 2016.

A realidade das juventudes é de ordem social, decorrente de uma criação histórica, e devemos desvencilhar aquele olhar sociológico que tem como objetivo debater com as ciências naturais como, por exemplo, a Biologia e a Psicologia, pois estas duas vertentes científicas denominam as juventudes como puberdade e adolescência, considerando universalmente, como um processo de transformação físico mental dos indivíduos.

Grosso (2004) tem o conceito de juventude como uma categoria social, sendo por tanto um objeto sociológico. A cronologia existente surge na passagem da idade média para a moderna, passa a existir faixa etária e contagem do tempo.

A Juventude é associada à ideia de transformação, e não tem uma concretude conforme os outros conceitos, tendo suas características de acordo com cada época e contexto histórico e social. O autor afirma que, em vários momentos históricos a sociedade vive picos de preocupação extrema sobre a juventude, por exemplo,

a partir do final do século XVIII e em todo o século XIX, diversos ciclos de preocupação com a “delinquência” e/ou promiscuidade juvenil das classes trabalhadoras se deram, conforme a industrialização e a urbanização iam se aprofundando e se estendendo pelos países da Europa e, logo, para todo o mundo. Conforme os efeitos sociais negativos do capitalismo industrial iam avançando, logo se impunha a questão da “juventude” desregrada, viciada, promíscua, indisciplinada, delinquente, formadora de bandos criminosos etc., sem que ficasse claro para o discurso social e até para as ciências qual era a relação entre o avanço do capitalismo industrial, os problemas sociais daí decorrentes (GROSSO, 2004, p.10).

A partir daí compreendemos que, assim como os demais conflitos enfrentados pelos indivíduos socialmente. Então, não podemos analisar os conflitos vividos por esta geração como algo exclusivamente deles.

Assim também analisa Helena Wendel Abramo (1997), em seu texto: *Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil*, onde evidencia a forma com que o jovem é notado nos meios de comunicação de massa. A televisão, o rádio e as revistas, cada vez mais oferecendo produtos direcionados ao público

adolescente e juvenil, sempre com abordagens de comportamento, moda, estilo de vida, lazer etc.

E quando aparecem em noticiários predominantemente adultos, são relacionados aos “problemas sociais”, ou seja, crime, violência, exploração sexual, drogas ou em mecanismos para diminuir ou resolver tais problemas. Como é relatado na música “Não é sério” da banda Charlie Brown Junior, *Eu vejo na TV o que eles falam sobre o jovem não é sério, o jovem no Brasil nunca é levado a sério. Sempre quis falar nunca tive chance, tudo que eu queria estava fora do meu alcance. Sim, já, já faz um tempo, mas eu gosto de lembrar, cada um, cada um, cada lugar, um lugar.* Com isso, percebemos o peso que uma sociedade por vezes conservadora, tem na vida dos jovens.

Neste artigo, Abramo (1997) faz uma análise cronológica de como a sociedade aborda a questão das juventudes. Primeiramente nos anos 50 os jovens eram vistos como “rebeldes sem causa” neste contexto surge uma crescente postura, considerada desviante para a sociedade, com isso “a juventude aparece ela mesma como uma categoria social potencialmente delinquente, por sua própria condição etária” (ABRAMO, 1997, p.06), ou seja, qualquer ser que vivesse naquela época com aquela faixa etária, muito provavelmente seria “delinquente”. Em seguida, nos anos 1960 até parte dos anos 1970, já se tem outra perspectiva das atitudes consideradas “delinquentes”.

Segundo a autora, os jovens seriam a “possibilidade de transformação profunda”, e com isso ofereciam um risco para a ordem social vigente, pois há uma repulsa por “revolução” na sociedade (ABRAMO, 1997, p.30). Já nos anos 80, a autora destaca uma postura oposta, os jovens desta época eram detentores de uma gana por consumo, totalmente desligados dos assuntos políticos e indispostos para “inovações culturais” (ABRAMO, 1997).

Com este panorama, percebemos que existem inúmeros olhares atentos a questão das juventudes, pois em cada momento histórico se observou uma crítica para a postura dos jovens. E a juventude da década de 1960 naquela época vista como subversivos e revolucionários, passa a se tornar “modelo” de jovem empoderado, diante do que viam dos jovens da década de 1980, ou seja,

O problema relativo à juventude passa então a ser a sua incapacidade de resistir ou oferecer alternativas às tendências inscritas no sistema social: o individualismo, o conservadorismo moral, o pragmatismo, a falta de idealismo e de compromisso político são vistos como problemas para a possibilidade de mudar ou mesmo de corrigir as tendências negativas do sistema. Tematizada por aqueles que fizeram parte da geração dos anos 60 e 70, a juventude aparece aqui como depositária de um certo medo relativo ao “fim da História”, uma vez que nega seu papel como fonte de mudança (ABRAMO, 1997, p. 31).

Pensando no contexto nacional, dos anos 90 em diante percebemos a presença dos jovens em diversos fenômenos sociais, como o desemprego, a marginalidade, em situação de rua, criminalidade, gravidez precoce e o conflito da sexualidade que muitas vezes são assumidas e rejeitadas pelos pais e responsáveis, ou seja, “as figuras juvenis mais em evidência são os jovens pobres que aparecem nas ruas, divididos entre o hedonismo e a violência” (ABRAMO, 1997, p.33). Todos estes conflitos são vivenciados por uma grande maioria dos jovens brasileiros, tornando necessária a presença de políticas públicas e análises destes fatores.

Atualmente percebemos uma forte política assistencial para os jovens que estão à margem da sociedade, em contato com o crime onde servem muitas vezes, principalmente no caso de jovens abaixo da idade adulta, como mecanismo justamente de criminosos adultos. Tanto que o aumento destes casos, de menores de idade estar à frente de crimes comandados por adultos, gerou nos últimos dois anos uma delicada discussão acerca da redução da maior idade penal. Este tema é colocado em debate pelo senso comum, de forma a pressionar as autoridades para acabar com o problema da criminalidade.

Contudo fica evidente que não seria o ideal, considerando ainda o número exacerbado da população carcerária e das casas de ressocialização. Com isso, entra em questão a necessidade de se manter uma estrutura educacional em condições, que vai contra o que temos hoje no Brasil, ou seja, escolas sucateadas, professores em constante luta por reconhecimento. Fazendo-se necessária a luta, assim como os estudantes secundaristas tem feito através de ocupações munidas de informações e atividades, dando uma verdadeira aula sobre mobilização e organização nas escolas ocupadas.

## 2.2. AS MANIFESTAÇÕES DE RUA NO BRASIL: CONTEXTO HISTÓRICO E CENÁRIO ATUAL

Os jovens tem participação incisiva nas manifestações sociais, com pautas relacionadas tanto como estudantes buscando melhorias para o seu próprio meio, quanto principalmente temas políticos, com o intuito de uma sociedade mais justa. O seu papel é marcante em várias revoluções presentes na história nacional, com posicionamentos decisivos para a transformação e evolução da sociedade.

Sua organização se dá por frentes de representações, como por exemplo, no Ensino Médio através de Grêmios Estudantis que desembocam nas Uniões Municipais de Estudantes e nas Uniões Estaduais de Estudantes Secundaristas, e por fim a União Brasileira de Estudantes Secundaristas (UBES) que representa todos estes outros grupos. Nas universidades estaduais e federais a organização é feita no Diretório Central dos Estudantes (DCE), Centros Acadêmicos (CA) até chegar na União Nacional dos Estudantes (UNE)<sup>7</sup>.

O movimento estudantil tem seus primeiros registros durante o século XVIII, com mobilizações de jovens estudantes de escolas religiosas e conventos. O primeiro Congresso Nacional se deu em 1910, de acordo com os registros históricos. Posteriormente, é criada no Rio de Janeiro a Casa de Estudantes Brasileiros, dando estrutura para os estudantes se organizarem. No ano de 1937 é fundada a UNE que se tornou a voz de maior representatividade dos estudantes ao longo da história, realizando a partir daí, levantes contra a ordem conservadora, o nazismo, o fascismo, etc.

Como golpe militar de 1964, UNE e UBES passa a fazer parte das grandes mobilizações históricas do país. Mesmo caindo na clandestinidade a UNE mantém resistência frente aos militares, organizando passeatas, sofrendo fortes retaliações e como todo o período ditatorial, inúmeros estudantes desaparecidos, torturados, presos como ocorreu no congresso da UNE realizado em Ibiúna onde 700 foram detidos, sem contar o número de mortos deste período. A vida dos

---

<sup>7</sup> *Juventude Luta e Consciência*. Movimento Estudantil, O que é isso???. 15 de setembro de 2010. <<http://juventudelutaconsciencia.blogspot.com.br/>> Acesso em 29 de junho de 2016.

estudantes se manteve constantemente sendo vigiada por militares, principalmente nas universidades.

Durante todo o período militar os estudantes se mantiveram resistentes, criando força maior para derrubar o regime através das “Diretas Já” ocorridas durante a presidência de João Batista Figueiredo. Esta mobilização acontece num contexto social dominado pela crise econômica, com desemprego, inflação, dívida externa. Com isso, o regime militar passa a perder apoio da sociedade todos estes fatores contribuem para o fim do regime.<sup>8</sup>

E com o passar dos anos o movimento estudantil se manteve um tanto quanto disperso ou, muitas vezes, se fazendo apenas no interior das universidades. Percebemos seu retorno durante as manifestações de 2013, e que entraram para a história da organização e mobilização dos jovens estudantes. Através das redes sociais ganharam forças para chegarem as ruas e materializar o grito de revolta, pois com o meio de comunicação *on-line* os jovens tinham a liberdade de expressar seus anseios, diferente dos demais meios de comunicação que está sob controle de empresas privadas e até mesmo do governo, assim como ressalta Manuel Castells no livro “Redes de Indignação e Esperança Movimentos Sociais na Era da Internet”:

[...] são espaços de autonomia, muito além do controle de governos e empresas - que, ao longo da história, haviam monopolizado os canais de comunicação como alicerces de seu poder. Compartilhando dores e esperanças no livre espaço público da internet, conectando-se entre si e concebendo projetos a partir de múltiplas fontes do ser, indivíduos formaram redes, a despeito de suas opiniões pessoais ou filiações organizacionais. Uniram-se (CASTELLS, 2013, p.06).

Inicialmente a primeira grande manifestação ocorreu no dia três de junho “data em que um grupo de moradores da Zona Sul de São Paulo sai em marcha contra o aumento da tarifa de transporte público urbano” (FRANCESCA, GOULART, SAMPAIO, 2014). Este foi o grande passo para as demais manifestações que ocorreram em todo país, ou seja, o aumento da passagem

---

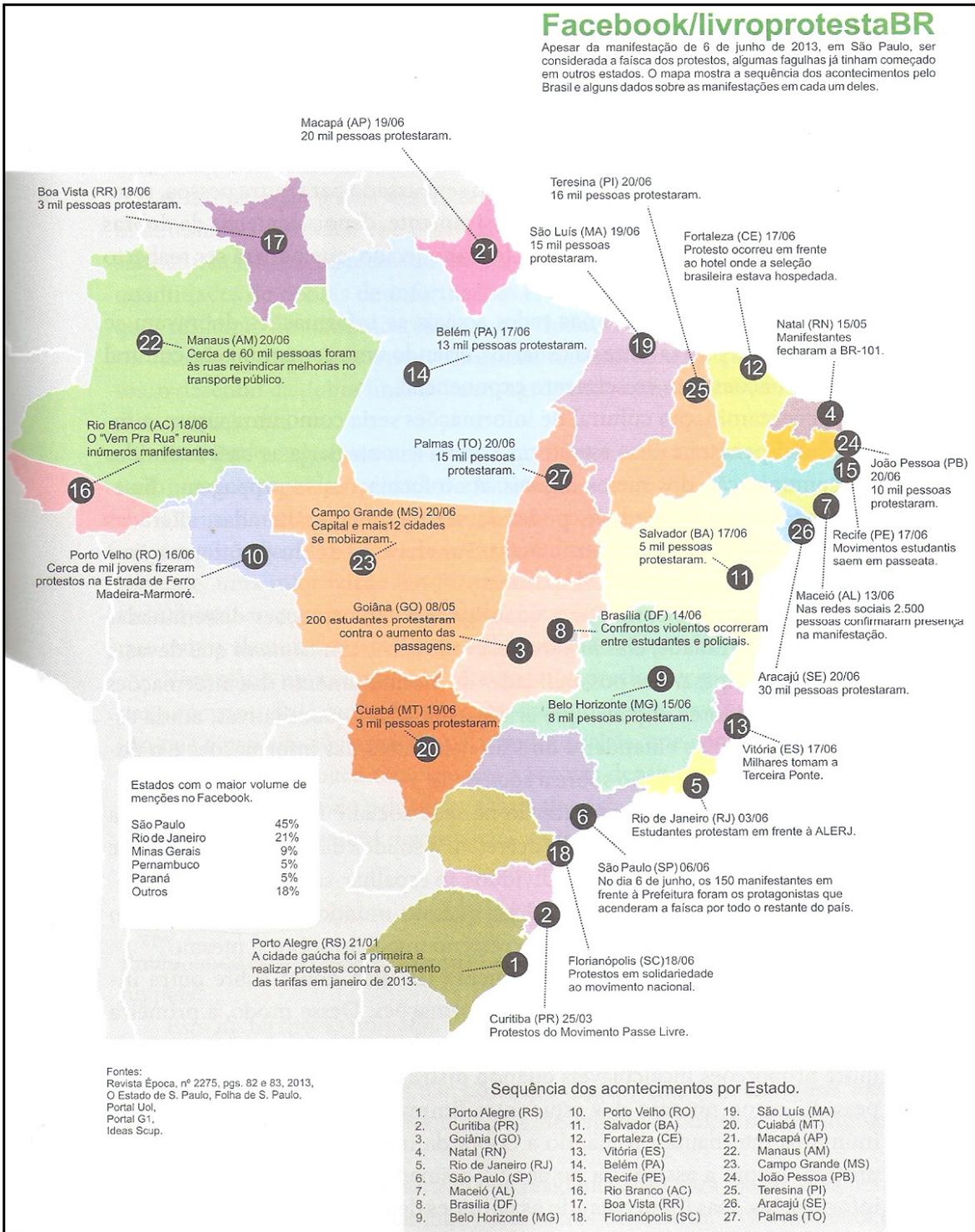
<sup>8</sup> *Info Escola*. Diretas Já. Por Lidiane Duarte. <<http://www.infoescola.com/historia/diretas-ja/>> Acesso em 29 de junho de 2016.

deônibus deflagrou uma força maior para demonstrar nas ruas a infelicidade da população com os rumos que a política e a sociedade seguia.

A partir daí houve manifestações em grande parte do Brasil, como é colocado no artigo desenvolvido pelos autores: Antoni Francesc Tulla i Pujol, Fernando Goulart Rocha e Fernando dos Santos Sampaio, intitulado: *Manifestações Populares no Brasil Atual: sociedade civil em rede e reivindicações sobre o poder político*

Durante os meses de junho e julho de 2013, o Brasil presenciou a uma sequência de manifestações em 354 cidades do país<sup>14</sup>. Iniciados pela insatisfação dos usuários de transporte coletivo em São Paulo e capitaneados pelo Movimento Passe Livre, os protestos rapidamente se disseminaram pelo território nacional e foram acompanhados pela imprensa nacional e internacional (FRANCESC, GOULART, SAMPAIO, 2014, p.05).

Em várias capitais e cidades do Brasil, conforme demonstra o mapa a seguir, os jovens parecem “expressar: vocação persistente para propor alternativas inovadoras, capacidade de expressar características sociais gerais e poder para continuar estrelando nos processos sociais de mobilização, conflito e mudança” (VOMMARO, 2014 p.69).



Fonte: FERNANDES; ROSENO. *Protesta Brasil - das redes sociais às manifestações de rua*. São Paulo: Prata, 2013, p.31.

Impulsionadas, as manifestações seguiam com pautas voltadas para grandes problemas sociais enfrentados pelo Brasil, como a Saúde, Educação, Segurança, Trabalho e evidentemente o Transporte Público Urbano. Esta revolta se intensificou mais ainda com o fato da Copa do Mundo de 2014 serem sediadas no Brasil e isso demandar grandes investimentos. Tudo isso potencializou as manifestações mantendo os jovens como grandes protagonistas.

Com um caráter autônomo as manifestações de junho/julho de 2013 se estabeleceram sem frentes partidárias, desmontando a ideia de lideranças em manifestações. Distintamente das manifestações de 2015/2016 pró-impeachment, que contaram com o apoio financeiro de empresas e grandes partidos, como PMDB e PSDB. Além deste aspecto, o que diferencia estas manifestações das que ocorreram em junho/julho de 2013, é o fato de serem lideradas e organizadas principalmente por adultos e não jovens. De forma oposta ao que se viu em 2013, por parte da imprensa, que inúmeras vezes retrataram os jovens como “baderneiros” e “vândalos”, nas manifestações pró-impeachment a imprensa manteve uma cobertura sensacionalista e enfatizando o aspecto “pacífico” dos protestos.

Nas manifestações ocorridas neste ano de 2016 e em 2015, onde clamavam o afastamento da Presidenta Dilma Rulsseff (PT), eram levantados cartazes com os dizeres “Nossa bandeira nunca será vermelha”, “Fora Socialismo Bolivariano”, “Fora Dilma e leva o PT junto”, “Impeachment já”, “Intervenção Militar Já”, ou seja, explicitamente voltadas para um único partido, personificando o problema que o país passa e seguindo um viés conservador.

A partir disso, percebemos a disparidade entre as manifestações, enquanto uma voltava para a crítica com relação a todo o mecanismo dos problemas enfrentados pela sociedade brasileira, a outra se fazia sob uma perspectiva partidária.

Diante destes dois momentos vividos no país, é notório descontentamento com relação à ordem política que se vem seguindo. Em 2013 houve uma crítica mais aprofundada e desenvolvida de forma enfática pelos jovens, e nestes últimos protestos podemos notar uma histeria guiada pela mídia com o “Fora Dilma/PT”.

Ambos os acontecimentos tiveram desfechos distintos na sociedade, onde o grito para barrar o aumento da passagem de ônibus culminou em revogar esta determinação por conta das autoridades políticas, porém, isso não foi feito de imediato, e os principais problemas vividos tanto no transporte público quanto nos outros serviços oferecidos pelo governo, ainda continuam problemáticos.

Já as manifestações pró-impeachment ovacionada pela mídia, decorreu no afastamento da Presidenta Dilma Rulsseff (PT), após a votação na Câmara, “Com os votos favoráveis de 367 deputados, 137 contrários e 7 abstenções, o Plenário da Câmara dos Deputados aprovou o relatório pró-impeachment e autorizou o Senado Federal a julgar a presidente da República, Dilma Rousseff, por crime de responsabilidade”<sup>9</sup>

Por fim, estes assuntos tiveram em pauta em praticamente todos os meios sociais, nas discussões de família, trabalho, nas rodas de amigos, e possivelmente que o tema foi tratado em sala de aula, talvez não apenas nas aulas de sociologia como também em outras disciplinas, mas acredita-se que em algum momento os professores abordaram este assunto. Pois este se enquadra como exemplo prático de conceitos como “movimentos sociais”, “história política do Brasil”, “multiculturalismo” entre outros conceitos desenvolvidos pelas Ciências Sociais. E no próximo capítulo vamos abordar a atuação do professor neste processo de desenvolvimento e aprendizagem do aluno, com a Pedagogia Histórico-Crítica onde se trabalha juntamente com a ideia do aluno como ponto de partida.

---

<sup>9</sup> *Câmara*. Câmara autoriza instauração de processo de impeachment de Dilma com 367 votos a favor e 137 contra. Brasília, 17 de abril de 2016.

### **CAPÍTULO III**

#### **METODOLOGIA DE ENSINO: A RELEVÂNCIA DO TRABALHO DO PROFESSOR DE SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO**

Quando pensamos no processo de aprendizado do aluno, o trabalho do professor surge com papel importante durante este desenvolvimento. Pensando nesse aspecto, é preciso questionar, de acordo com o artigo “O Professor, seu Saber e sua Pesquisa”, de Menga Ludke (2001), o tipo de saber no qual ele está inserido, como este saber se desenvolveu, etc.

Com tal análise, segundo a autora, é possível perceber que a categoria está inserida num contexto desigual, mas trata-se de profissionais com uma bagagem cultural relevante. Isso facilita o desenvolvimento de fato uma identidade grupal e a correlação entre os indivíduos na escola. Toda essa carga cultural e histórica vivenciada pelo professor, da origem à sua identidade, levando sempre em conta o contexto vivido no âmbito particular e acadêmico.

Conforme Ludke (2001), a questão sobre o saber docente aparece em várias pesquisas, muitas delas voltadas para análise de currículo, das competências do professor pesquisador, sua identidade, etc. Em alguns trabalhos são destacadas as ideias de pesquisa-ação como peça fundamental para o trabalho do professor e também para seu crescimento profissional.

A autora compara a postura do professor com a de um artista que ensaia diversas vezes inúmeros materiais para desenvolver um bom trabalho, ou seja, o professor teria na sala de aula uma espécie de laboratório, onde aplica diferentes formas para atingir a aprendizagem do aluno.

A importância do pensamento crítico do professor tem destaque também em algumas pesquisas feitas neste âmbito, sendo o professor caracterizado como um ser reflexivo. (LUDKE, 2001, p. 80).

É importante também destacar, principalmente, a questão da reflexão e da ação dos sociólogos. A preocupação com a reflexão e do como atingi-la não se desenvolve de uma maneira técnica, como se bastasse repassar conhecimentos para os alunos em uma determinada sala de aula. O aprendizado se

dá de forma reflexiva. Assim os alunos podem receber o conhecimento e “as teorias de uma forma mais clara e diferenciada da realidade vivida” (LUDKE, 2001, p.81).

Lüdke (2001, p. 89) observa uma questão importante após a elaboração deste artigo sobre “Pesquisa e Saber Docente”, entre os professores da escola básica, quando questionou os professores sobre o que era pesquisa, surgiram diferentes respostas, muitas delas “definindo a pesquisa como uma forma rigorosa de análise com uma metodologia complexa aplicada principalmente no meio acadêmico”.

As respostas dos docentes, questionados por Lüdke (2001) mostram que há a percepção de uma distinção entre a pesquisa acadêmica e a pesquisa feita na escola. Infelizmente ainda para muitos, aquilo que é estudado na academia não serve para o contexto escolar. Estas questões materializam as distâncias que ainda persistem entre o mundo da escola e o mundo da universidade.

A partir desses debates Lüdke (2001) observa dois tipos de pesquisadores, o pesquisador de dentro da escola e o pesquisador da universidade, mas com objetivos em comum. Evidentemente isso nos faz questionar a finalidade de conceitualizar ainda mais o papel da pesquisa feita pelo professor, que, muitas vezes, ainda não é acolhida de maneira valorizada como deveria pela universidade.

Há um déficit de políticas governamentais voltadas para o magistério, quando a autora desenvolve este recorte, mas há também professores de alto potencial intelectual da escola. É possível constatar a potencialidade do trabalho desses docentes pelo desenvolvimento de grandes pesquisas desenvolvidas no meio escolar. (LÜDKE, 2001).

A problemática delineada pela autora segue na percepção de que há necessidade de uma correlação mais planejada entre a universidade e a escola, com métodos de pesquisa analisando a realidade da própria escolar. Não que o docente se aproprie de metodologias de pesquisa da universidade ao realizar uma pesquisa em seu ambiente de trabalho, mas com o apoio necessário para a realização da mesma na escola.

Há a necessidade de uma quebra de paradigmas quando nos referimos à pesquisa. Estes debates nos permitem conferir importância em se pensar estes dois tipos de pesquisa e os dois tipos de pesquisadores. É preciso “não

marginalizar novas epistemologias e fazer a junção de pesquisas entre os dois universos, a universidade e a escola” (LUDKE, 2001, p.91).

Tudo isso nos faz pensar sobre o papel da disciplina de Sociologia, neste contexto de pesquisa na escola e dentro da relevância da formação do professor pesquisador nas universidades. Configura-se até nos dias atuais uma grande dificuldade de pensar como fazer pesquisa nas aulas de Sociologia com estudantes do Ensino Médio dentro das adversidades percebidas nas escolas: pouquíssimo tempo de hora atividade, baixos salários, muitos alunos em sala de aula, mesmo docente ministrando aulas em várias escolas ao mesmo tempo, sem contar ainda a desvalorização da disciplina pelos próprios gestores e colegas de trabalho das demais áreas do conhecimento.

Ainda há o problema das salas de informática que não funcionam bem nas escolas públicas estaduais. Há poucos materiais de apoio disponíveis para pesquisa ainda hoje. Se bem que os celulares dos estudantes tem se tornado uma importante ferramenta de apoio nas pesquisas escolares.

A universidade torna-se um meio de formação e organização de pesquisas e materiais didáticos muito importantes para os professores atuantes no ensino de Sociologia. Como a disciplina é considerada nova no meio escolar, constantemente necessita de apoio, de assessoria das licenciaturas das universidades e de espaços para reflexões conjuntas. Difícil é que as licenciaturas também não recebem o apoio que merecem por parte do governo estadual do Paraná. Fora o PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), que vem do governo federal, são raros os programas/projetos que destinam bolsas de estudos para licenciandos e para os professores que atuam no Ensino Médio conseguirem desenvolver pesquisas sobre temas relacionados à política e à prática educacional. Bolsas para licenciandos em projetos que envolvam a área de Sociologia, incentivo para estagiários dos Cursos de Ciências Sociais estarem mais presentes nas escolas, projetos de parcerias com a extensão, entre outras propostas, contribuiriam para sanar algumas dificuldades vivenciadas pelos professores de Sociologia.

Depois de formados, os docentes geralmente procuram novamente a universidade para formação continuada. Aqui na UEL o LENPES (Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão de Sociologia) tem auxiliado os professores da rede

estadual a desenvolverem pesquisas, “Jornadas de Humanidades”, “Semanas de Sociologia”, ciclos de debates, produção de artigos e livros, assim como aulas diferenciadas que potencializem o ensino da disciplina para as juventudes. Em parceria, todos querem quebrar paradigmas e fazer com que os alunos tenham um olhar diferenciado sobre as desigualdades sociais, se comprometendo a modificá-las

O ensino de Sociologia desta forma,

[...] seria uma condição natural para a formação de atitudes capazes de orientar o comportamento humano no sentido de aumentar a eficiência e a harmonia de atividades baseadas em uma compreensão racional das relações entre os meios e os fins, em qualquer setor da vida social (FERNANDES, 1959, p.90).

Ao mesmo tempo em que é necessário pensar na pesquisa, tanto da universidade quanto da escola, outro ponto já especificado anteriormente se configura na importância do planejamento e no modo de intervenção didática do professor, enquanto pesquisador, crítico e mediador dos conteúdos do ensino de Sociologia.

Um planejamento bem feito poderá aproveitar melhor a potencialidade da curiosidade dos estudantes pelo conhecimento. Uma aula planejada, embasada teoricamente e com exemplos próximos à realidade dos alunos podem despertar melhor seu interesse pelo aprendizado sociológico. Como diz Groppa sobre o interesse e a curiosidade;

Muitas vezes, entretanto, temos a impressão de que os alunos não têm interesse algum naquilo que temos para lhes ofertar. Ou então, que os conteúdos escolares seriam, na verdade, alheios aos interesses imediatos, pontuais da criança e do jovem contemporâneos. Isso não é bem assim. Vale lembrar que suas demandas não são tão definidas, ou irredutíveis, a ponto de não poderem ser transformadas. Além do mais, a curiosidade é algo que marca fortemente a infância e a adolescência, assim como a imaginação é a estratégia principal empregada para descobrirem o mundo intangível à sua volta. (GROPPIA, 1998, p. 11).

A introdução dos conteúdos de Sociologia se dá por meio do trabalho organizado deste docente, que precisa dominar não só conteúdos, mas também a comunicação didática desses saberes. De acordo com Florestan

Fernandes (1959, p. 91), o papel dos educadores seria de “preparar as gerações novas para uma civilização em mudança” (FERNANDES, 1959, p.91).

A relação do docente na transmissão e construção constante do conhecimento, em interface com os saberes dos estudantes, configura-se como uma prática social. Nessa prática pedagógica, que antes de tudo é uma prática social, não apenas o estudante obtém o conteúdo, mas os alunos também participam do aprofundamento dos conteúdos pelo próprio professor, que se educa ao educado os alunos. É uma lógica freiriana que precisa ser considerada nas aulas de Sociologia. Somos todos educandos nesta prática social.

Por isso é preciso saber mostrar as diferenças entre os “dados da realidade” e os saberes escolares, mas sem desprezar os conhecimentos que os estudantes trazem para a escola.

É possível, e até desejável, que a ação pedagógica seja desencadeada a partir dos elementos informativos de que os alunos dispõem, mas o objetivo docente deve ultrapassar em muito esse escopo restrito, da disponibilidade cognitiva do aluno e sua pontualidade. O trabalho escolar visa, sem sombra de dúvida, a transformação do pensamento do aluno. Em certo sentido, ele se contrapõe aos “dados de realidade” discente. Antes, o mundo do conhecimento contrapõe os saberes sistematizados àqueles pragmáticos, do dia-a-dia. (GROPPIA, 1988, p. 11).

Os alunos apreendem nesta prática social a partir de suas realidades como seres sociais e participativos. Desta forma,

Saviani (2003), ao defender uma pedagogia crítico-social dos conteúdos na qual professor e alunos se encontram numa relação social específica – que é a relação de ensino – com o objetivo de estudar os conhecimentos acumulados historicamente, a fim de construir e aprimorar novas elaborações de conhecimento, aponta que o ponto de partida da ação pedagógica não seria a preparação dos alunos, cuja iniciativa é do professor (Pedagogia Tradicional) nem a atividade, que é a iniciativa dos alunos (Pedagogia Nova), mas seria a prática social [...] (BULGRAEN, 2010, p. 32).

Quando Saviani (2003) fala de prática social ele quer dizer que o objetivo do professor não é de apenas trazer conteúdos para a sala de aula, mas trabalhar dialeticamente com uma abordagem ampla e histórica, relevando detalhes

da realidade e dos fenômenos sociais em sala de aula, entendendo seus alunos como indivíduos participantes e críticos de um determinado meio social.

É valorizando as próprias experiências dos alunos que o professor de Sociologia pode conseguir mais êxito no desenvolvimento do pensamento crítico destes. Por isso a relevância de planejar meios estratégicos que facilitem o diálogo dos conteúdos numa relação de respeito docente-aluno. Com isto, ao processo de desenvolvimento de um determinado conteúdo em sala de aula, tende a funcionar melhor e passar a ter mais significado social e político para os estudantes.

Uma das formas para motivar os alunos é conhecer sua prática social imediata a respeito do conteúdo curricular proposto. Como também ouvi-los sobre a prática social mediata, isto é, aquela prática que não depende diretamente do indivíduo, e sim das relações sociais como um todo. Conhecer essas duas dimensões do conteúdo constitui uma forma básica de criar interesse por uma aprendizagem significativa do aluno e uma prática docente também significativa. (GASPARIN, 2007, p. 15).

O segundo passo, no pensamento de Saviani, é destinado à problematização daquilo que foi posto, conferindo assim um aprofundamento das questões e de pensamentos, pois é a partir daí que os próprios alunos, individualmente, “constroem os pensamentos na relação com o professor mediador” (BULGRAEN, 2010, p.33).

Há ainda dois passos em que Saviani (2003) propõe como fundamentais para a mediação pedagógica, que se referem à instrumentalização e à catarse. A instrumentalização seria a absorção do conhecimento, aquele acumulado historicamente e que a partir deste momento, o aluno passa a agir, pensar e absorver, ou seja, se apropriar das ferramentas culturais produzidas socialmente, dependendo da mediação do docente.

As Orientações Curriculares de Sociologia para o Ensino Médio (2006) tratam da relevância dessa mediação em sala de aula.

Nesse contexto, em que pese o que dizem algumas teorias pedagógicas “progressistas”, a presença do professor é fundamental, e o ensino é um ponto de partida básico. Mas isso não significa dizer

que o ensino se reduza à transmissão de um saber como se fosse uma palestra, uma conferência ou uma simples leitura na frente dos alunos. Se se atentar bem, aqui não é só a *mensagem* que importa, mas sobre tudo a mediação (ou o meio) como que se apresenta essa mensagem. (Orientações Curriculares de Sociologia para o Ensino Médio, 2006, p.108).

A atuação de um professor mediador se faz de maneira conjunta, coletiva e cíclica segundo a Pedagogia Histórico-Crítica. Um dos elementos básicos é pensar que este professor pode desenvolver as teorias sociológicas a partir da valorização dos saberes dos estudantes, buscando diálogos com as experiências de vivência destes alunos.

E por fim, mas não menos importante, vem a catarse que se refere à apropriação do conhecimento pelo aluno, porém de forma distinta da estabelecida na prática social, agora com sua autonomia na construção da relação com o conhecimento. Pela mediação criativa, isso o coloca para refletir e discutir sobre as questões sociais de modo mais participativo e dinâmico. Justamente, é nesta etapa da mediação que o aluno o move novamente para o estágio de uma prática social, “mas com o domínio da construção do conhecimento ao patamar do docente” (BULGRAEN, 2010, p.34-36).

### **3.1. AS MANIFESTAÇÕES DE RUA NAS AULAS DE SOCIOLOGIA**

Neste momento e com base em tudo que refletimos até este momento, abordamos a atuação do professor de Sociologia do NRE/Londrina na prática diária da sala de aula, materializando toda esta questão da extrema relevância quando se trata da presença da Sociologia nesta etapa da vida educacional do aluno.

Debater o tema das “Manifestações sociais ou manifestações de rua” se torna relevante porque estamos discutindo questões com as quais as juventudes lidam o tempo todo.

Enquanto estamos falando sobre conteúdos da Sociologia em sala o jovem aluno está carregado de curiosidades, muitas vezes são anseios e complexidades vividas externamente e que ele tenta relacionar com os temas da

Sociologia. Para saber fazer bem esta mediação é preciso dominar saberes da didática e das metodologias de ensino. Daí a importância da valorização do estágio e das dimensões pedagógicas no momento da formação inicial na universidade.

Por isso, decidimos, com a pesquisa de campo, desenvolver uma análise qualitativa sobre o tema em questão, onde os professores tiveram a oportunidade de dividir sua experiência em sala de aula conosco e os leitores deste trabalho. Foram selecionados 07 (sete) professores de Sociologia, no início do ano de 2016. Todos eles atuavam na rede pública de ensino de Londrina e região. Foi feito um convite a estes professores via e-mail. Alguns são professores recentemente egressos do curso de Ciências Sociais da UEL e outros com uma vasta carga de experiência na rede estadual de ensino. Boa parte deles trabalha em parceria com o LENPES (Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão de Sociologia), do Departamento de Ciências Sociais da UEL.

A decisão de desenvolver esta pesquisa de campo com os professores se deu após a elaboração do artigo de Licenciatura, onde desenvolvi uma análise das relações dos alunos com a disciplina de Sociologia no Ensino Médio, como já explicitado anteriormente. No final da licenciatura consegui analisar as ideias dos estudantes. Nesse momento objetivo, no final do bacharelado, trabalhar as falas e papel dos docentes que atuam com estes estudantes do Ensino Médio.

Foram aplicadas duas questões para que os professores pudessem responder, de forma sucinta, levando em conta o excesso de carga horária, e o pouco espaço de tempo livre que possuem. Escolhemos o tema das recentes manifestações de rua, tentando perceber como estes trabalhavam tal conteúdo com os alunos durante às aulas de Sociologia. Considerando que os professores normalmente trabalham com turmas de várias séries do Ensino Médio, ou seja, do primeiro ano até o terceiro, obtivemos dados heterogêneos nesse trabalho.

A primeira pergunta da pesquisa foi voltada para o trabalho que o professor desenvolveu em sala de aula sobre as manifestações aqui tratadas: *1. Como as atuais manifestações de rua ocorridas em junho/julho de 2013, assim como as manifestações pró-impeachment, estão sendo trabalhadas por você nas aulas de Sociologia com os estudantes do Ensino Médio? (Considere: uso dos recursos; de*

*autores; de teorias; de conteúdos; de exemplos; de estratégias didáticas; dos diferentes mecanismos de participação dos estudantes; etc).*

A segunda pergunta abordou a didática aplicada com os alunos: 2. *Descreva uma de suas aulas de Sociologia onde tenha utilizado o tema das Manifestações de Rua ocorridas em Junho/Julho de 2013 e as Pró-impeachment, como parte das discussões. (Considere: o que os estudantes gostaram de debater; algumas falas mais marcantes dos estudantes; o conteúdo de Sociologia que tenha sido compreendido mais facilmente pelos estudantes quando fez as relações com este tema; o interesse da turma; os exemplos e os recursos que utilizou; etc).*

Todos os professores entrevistados demonstraram domínio teórico sobre o tema das manifestações de rua, assim como na forma de aplicar didaticamente os acontecimentos de junho/julho de 2013 e os movimentos deste ano em sala, fazendo interfaces com as teorias trabalhadas na Sociologia. Assim como evidencia este professor na resposta da primeira pergunta:

*As manifestações de junho de 2013 entram em diversos conteúdos de Sociologia para o Ensino Médio, como por exemplo: movimentos sociais, movimentos sociais no Brasil, sociologia brasileira, a formação do estado moderno, as teorias sobre o estado, teoria geral sobre direito, direitos no Brasil, teoria sobre cidadania, cidadania no Brasil, democracia representativa e democracia direta, entre outros. As estratégias didáticas são tão diversas quanto os conteúdos. Geralmente não elaboro um procedimento fixo, eles variam conforme a turma, horário, disponibilidade etc. Com o conteúdo de movimentos sociais, costumo exigir uma pesquisa, na qual os alunos se organizam em grupos e pesquisam determinados movimentos sociais elencados pelo professor. A pesquisa é realizada com artigos científicos ou capítulos de livros no arcabouço teórico, aliando com entrevistas ou pesquisa documental, dependendo da técnica de pesquisa (quantitativa ou qualitativa). Conforme o desenvolvimento dos conteúdos na turma, os alunos fazem seminários com textos disponibilizados pelo professor, com apresentação de trabalho escrito. As provas também são utilizadas como ferramenta de avaliação, geralmente são discursivas e servem para diagnosticar, individualmente, as deficiências dos alunos quanto aos conteúdos. (Relato Prof. R., junho/2016).*

Com este relato percebemos o leque de possibilidades que os professores tem ao abordar o tema aqui discutido com os alunos durante as aulas de Sociologia, associando uma variedade de conceitos sociológicos. Professor R. mencionou uma série de conteúdos estruturantes da Sociologia que podem ser

explicados para as juventudes, tomando por base os exemplos das manifestações de rua ocorridas recentemente no Brasil, demonstrando assim seu domínio teórico.

Vê-se que o dinamismo da aula depende do modo como o docente aborda os assuntos e os media com os exemplos da prática social. É possível problematizar os conteúdos valorizando as vivências externas dos alunos e também dos professores desenvolve os conceitos de movimentos sociais.

Por meio da teoria da Pedagogia Histórico-Crítica, mais especificamente do pensamento de Demerval Saviani, evidencia-se a importância da vivência social do aluno em sala de aula e a valorização dessa vivência pelos professores. Conforme trabalha João Luiz Gasparin e Maria Cristina Petenucci no artigo “Pedagogia Histórico Crítica: Da Teoria à Prática no Contexto Escolar”:

Esta é uma teoria de grande relevância para a educação brasileira, pois evidencia um método diferenciado de trabalho, especificando-se por passos que são imprescindíveis para o desenvolvimento do educando (Primeiro passo: Prática Social; Segundo passo: Problematização; Terceiro passo: Instrumentalização; Quarto passo: Catarse; Quinto passo: Prática Social). (GASPARIN, PETENUCCI, 2008, p.04).

A utilização da metodologia baseada na Pedagogia Histórico-Crítica desenvolve no aluno uma capacidade de desconstrução dos preconceitos que, muitas vezes, são colocados na sua vida social fora da escola. Ao mesmo tempo nos permite pensar a importância de auxiliarmos os estudantes a construir novas interpretações dos conteúdos, que também podem ser entendidos como novos conceitos.

Para explicar o conteúdo movimentos sociais, o professor pode tomar como base o diálogo que acontece em casa, na roda de amigos, ou até mesmo quando assistem na TV. As manifestações de junho/julho de 2013 e as manifestações pró-impeachment, podem ser analisadas por uma construção teórica, elevando a capacidade crítica dos alunos e aumentar seu interesse por assuntos vistos, muitas vezes, por eles como complexos ou desinteressantes.

Percebemos isso nos relatos dos professores entrevistados, como no caso abaixo, na resposta da primeira questão:

*As aulas estão contemplando política, poder, dominação, tipos de Estado, e, mais recentemente, iniciamos o estudo sobre os cargos políticos das diferentes instâncias de poder e sobre os partidos políticos brasileiros. Tem sido fácil perceber que, apesar de lastimável, o atual da política brasileira favorece o interesse dos estudantes, que todos os dias trazem para as aulas novos fatos, novos acontecimentos e notícias que auxiliam na conexão entre construção do conhecimento e prática social cotidiana. As justificativas utilizadas pelos parlamentares da Câmara para a aprovação do impeachment no dia 17 de Abril, por exemplo, foram mostradas em sala de aula e prontamente viraram motivo de piada entre os estudantes. A partir da brincadeira que surgiu entre os mesmos que atribuíam aquelas justificativas a tudo que iam fazer (Pela família, amigos, igreja, parentes, etc.) problematizamos os discursos e suas referências e pressupostos (ideológicos, religiosos, interesses de classe, etc.). Também discutimos os aspectos de ilegalidade desta tramitação. Ainda é elevado o número de estudantes que se desinteressam por estes acontecimentos, mas felizmente a cada aula é possível perceber uma progressiva redução de tal desinteresse e aumento do engajamento dos alunos. (Relato Prof.. A.P., junho/2016).*

Este caso exemplifica a postura que o professor de Sociologia pode adotar em sala de aula ao explicar conceitos teóricos que, muitas vezes, se forem apresentados apenas de maneira expositiva poderiam até dispersar a atenção dos alunos, demonstrando assim, a relevância do diálogo, como um dos aspectos mediadores do trabalho do professor.

Muitas vezes os conteúdos parecem não ser interessantes porque não conseguimos fazê-los associar a sua realidade com aquilo que está sendo estudado nos livros de Sociologia. Levando em conta o papel da Sociologia no Ensino Médio, percebemos que a Pedagogia Histórico-crítica pode ser vista como uma grande aliada no desenvolvimento do plano de aula do professor que quer fazer da prática social inicial a base de seus planejamentos cotidianos na escola.

Em muitos relatos os professores entrevistados destacam as metodologias e as didáticas utilizadas para debater as manifestações, e cada um com sua forma de abordagem. Alguns professores deixam em evidência a utilização das orientações didáticas desenvolvidas na Pedagogia Histórico-crítica, como a prática social inicial, a problematização, a instrumentalização, a catarse e a prática social final. Outros criam seus próprios modos de planejar e desenvolver as aulas de

Sociologia, mas parece unanimidade que todos partem dos saberes dos estudantes para problematizarem os conteúdos científicos da Sociologia.

No caso do relato a seguir, ainda sobre a primeira questão, podemos perceber que há a aplicação desta metodologia da Pedagogia Histórico-crítica em suas aulas, pois ele inicia a aula de Sociologia “propondo que os alunos se expressem quanto ao assunto” que seriam as manifestações de rua como aqui discutidas:

*[...] o que traz a tona uma série de posicionamentos muitas vezes divergentes entre os estudantes. Este tipo de abordagem se realiza em outros momentos para abordar temas como: desigualdade social, cultura do estupro ou preconceito racial (Relato Prof. B., junho/2016).*

Mesmo com todo rigor pedagógico é preciso que se estabeleçam critérios para a abordagem de assuntos que estão frequentemente nos debates do senso comum. É preciso planejar estratégias didáticas que possam captar como o aluno se posiciona em certos debates, conforme demonstra outro professor entrevistado:

*Inicialmente é sempre importante contextualizar os estudantes sobre o que está acontecendo. Por mais que tais assuntos tenham ou estejam sendo debatidos nos meios de comunicação e redes sociais, muitos deles declaram não estar diretamente informados, apenas que escutam falar e não prestam muito a atenção, por uma série de motivos, por não gostarem de política, por não terem tempo, por não fazerem questão de se informar. Porém outros declaram que são assuntos debatidos com os amigos, ou a família ou nas redes sociais. (Relato Prof. D., junho/2016).*

É possível destacarmos a tarefa complexa que o professor enfrenta diariamente em sala de aula, como por exemplo, estimular alunos que chegam em sala de aula, muitas vezes, sem interesse. Há de se pontuar que, possivelmente tal falta de interesse é carregada de problemas sociais enfrentados fora da sala de aula. Contribui para esta falta de interesse a ausência da escola em incentivar o aluno a seguir no caminho do saber de maneira mais atrativa. Neste sentido pode-se pensar na relevância do uso de computadores, na exibição de documentários, na participação em atividades culturais, em atividades ao ar livre, etc, que podem ser meios estratégicos interessantes para serem usados nas aulas de Sociologia, de modo a ilustrar melhor os fenômenos sociais estudados.

Para a segunda questão, (*Descreva uma de suas aulas de Sociologia onde tenha utilizado o tema das Manifestações de Rua ocorridas em Junho/Julho de 2013 e as Pró-impeachment, como parte das discussões. [Considere: o que os estudantes gostaram de debater; algumas falas mais marcantes dos estudantes; o conteúdo de Sociologia que tenha sido compreendido mais facilmente pelos estudantes quando fez as relações com este tema; o interesse da turma; os exemplos e os recursos que utilizou; etc.]*), na qual estabelecemos que o professor nos descrevesse seus métodos didáticos aplicados em sala de aula para tratar das manifestações de junho/julho de 2013 e as manifestações pró-impeachment. Obtivemos relatos interessantes, como este:

*As manifestações de junho/julho de 2013 e as pró-impeachment foram abordadas em aulas de todas as séries do Ensino Médio em 2015 e em 2016. As aulas geralmente eram iniciadas com questões acerca de tais acontecimentos, no intuito de levantar as informações que os alunos tinham e perceber se haviam acompanhado as notícias. Nos primeiros anos foi impressionante constatar que poucos estudantes estavam informados sobre esses eventos e nos segundos anos surgiram informações muito superficiais e conformadas por uma espécie de otimismo “anticorrupção”. Os terceiros anos, como já destaquei, demonstraram-se mais situados em tais debates. Partindo dessas falas dos estudantes busquei problematizar alguns aspectos dessas manifestações, tais como os depoimentos, a infinidade de pautas, o perfil socioeconômico dos manifestantes, elementos de patriotismo e nacionalismo, o discurso anticorrupção, “anti-PT”, a expulsão de partidários ou bandeiras das esquerdas políticas, representações ou simbologias de teor fascista e ocorrências de violência. A problematização foi feita a partir da seleção de vídeos curtos retirados da internet e de notícias impressas. As notícias geralmente eram distribuídas entre grupos de alunos que ficavam responsáveis por fazer sua leitura e transmitir suas informações essenciais ao restante da turma. (Relato Prof. A.P., junho/2016).*

Neste relato notamos o quanto é importante a utilização de recursos didáticos que vão além do quadro negro. Muitos professores fazem uso da *TV pendrive*, que é um material presente em todas as escolas públicas de Londrina, para apresentar documentários, filmes, trechos de propagandas, dentre outras mídias para os alunos, como forma de reforçar ou ilustrar o conteúdo.

Além disso, existe também a prática de trabalhar letras de músicas. Isso desperta o interesse do aluno durante a aula, permitindo que o professor, na

maioria das vezes, conclua com êxito a explicação sociológica do conceito sociológico. E, atualmente, os professores fazem uso também das redes sociais para atingir o interesse maior do aluno, criando grupos no Facebook destinados a compartilhar vídeos e imagens com conteúdos sobre o que foi trabalhado em sala de aula, aproximando ainda mais a Sociologia da vida cotidiana destes jovens, assim como podemos perceber na descrição desse professor:

*O conteúdo trabalhado nas aulas de Sociologia nos terceiros anos giram em torno do eixo poder, política e Estado. Logo, uma das minhas propostas, que a escola (eq. Pedagógica e diretiva) aceitou e tornou viável nesse ano, foi o convite ao Vereador e Presidente da Câmara de Cambé – Paulo Soares. O Político que foi estudante de Escola Pública, que participou do Grêmio Estudantil de seu colégio, do C.A. (Centro Acadêmico) de sua faculdade, falou da importância da participação política, também descreveu para os alunos como funciona o jogo político e o processo que envolve a aprovação de uma lei. Os alunos debateram e tiraram dúvidas, nesse momento acredito que as teorias trabalhadas em sala e os teóricos trabalhados com eles se tornaram vivos em suas discussões, pois, já havíamos falado da discussão sobre a divisão dos poderes (Executivo, Legislativo e Judiciário) pautadas em uma análise que começou com Locke e que passou por Montesquieu, desse modo, os alunos puderam ver a importância dos movimentos sociais sobre a construção e consolidação de políticas públicas. (Relato Prof. AD., junho/2016).*

Outra aula interessante é a descrita abaixo onde ele descreve em qual momento trabalha as manifestações:

*Com o terceiro ano, abordarei movimentos sociais no próximo trimestre, quando então irei propor uma pesquisa sobre a diferença entre movimentos sociais e manifestações populares, neste caso, usarei alguns movimentos para que eles usem como exemplo na diferenciação e o caso de Junho/Julho de 2013 é interessantíssimo para demonstrar esta diferença por ter se iniciado através de um movimento social e ter sido direcionado para manifestações populares. Esta experiência eu já realizei com um terceiro ano em 2015 e obtive resultados excelentes. (Relato Prof. M., junho/2016).*

Neste relato também podemos observar que o professor consegue desenvolver uma didática interessante com os alunos, aproximando a teoria sociológica dos saber prévios trazidos por cada aluno:

*Na ocasião, os debates suscitavam em praticamente todas as turmas, independente de idade/série/conteúdo e, como de costume, fazíamos a mediação, explanando acerca da conjuntura nacional. Inclusive foi possível também relacionar com as questões do passe livre que ocorriam também na nossa região. Desde então passei a incluir a temática quando trabalho o conteúdo MOVIMENTOS SOCIAIS CONTEMPORÂNEOS; que, juntamente com Poder, Política e Ideologia, são os conteúdos estruturantes do 3º. Ano do Ensino Médio. Na ocasião os alunos já estão familiarizados com as teorias e conceitos de Marx e Weber, bem como Bourdieu e Nobert Elias, mas também de Raymundo Faoro e Florestan Fernandes. Preferencialmente esse tema é abordado em um dos seminários apresentado pelo grupo de alunos, costuma ser muito proveitoso e rico o debate; eu os oriento, tanto com leituras complementares e artigos (inclusive há uma edição especial da 'Caros Amigos' especificamente sobre as 'Jornadas de Maio', como a intitularam, e eu empresto para realizarem a leitura), quanto mediando o material que eles mesmo produzem (normalmente em formato de vídeo). (Relato Prof. CA., junho/2016).*

Diante de todos estes depoimentos, com sugestões de metodologias e didáticas aplicadas em sala de aula, percebemos que existem professores dispostos a transformar a Sociologia em uma disciplina bem mais próxima do interesse e da vida do aluno da escola pública.

É preciso fazer monografias na área de Ensino de Sociologia que consigam destacar e valorizar essa tarefa, pois, é sabido quantas dificuldades são enfrentadas por estes alunos e docentes da rede pública hoje no Estado do Paraná. Apenas quem está na sala de aula diariamente pode explicitar a luta de passar por todas as barreiras e tornar o ato de ensinar e aprender, algo interessante, significativo e revolucionário.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As questões sobre ensino de Sociologia vêm tomando espaço de destaque nos meios acadêmicos, resultando em inúmeros trabalhos acerca da relevância do conhecimento das Ciências Sociais no Ensino Médio. Houve um crescimento considerável na quantidade de artigos publicados e elaborados sobre a formação de professores de Sociologia na UEL, narrados pelos próprios professores que atuam no Ensino Médio.

É sabido também que hoje muitos docentes compartilham nas redes sociais, mas também nos espaços dos projetos como PIBID/Ciências Sociais, LENPES, OBEDUC (Observatório da Educação), etc., seja por meio de artigos ou de relatos de experiências as suas expectativas e trabalhos desenvolvidos, assim como detalham bem mais que antes os obstáculos vivenciados, suas metodologias e dinâmicas para atingir o aprendizado do aluno. Tudo isso pode ser considerado um grande avanço no sentido de aproximar o aluno da escola e o egresso das Ciências Sociais com o mundo da universidade.

Vemos como papel de suma importância para a universidade pública, pensar meios para desenvolver uma aproximação mais sistematizada com os egressos, hoje, em geral, professores de Sociologia nas escolas da rede estadual, auxiliando-os a atualizarem meios de aproximar cada vez mais os jovens da Sociologia.

Como diz Borges (2011), a mediação não significa que os conhecimentos serão simplificados a ponto de perderem as sua cientificidade e seu rigor teórico, muito pelo contrário, a mediação de que estamos falando não é isso.

Ela é um processo pelo qual o professor media o conhecimento acadêmico com o conhecimento escolar, respeitando o conhecimento prévio do aluno, fazendo-o alcançar a compreensão bem aprofundada dos fenômenos com o olhar específico da Sociologia e de modo muito bem planejado, objetivado, preparado para o jovem, sujeito social, cultural e político que junto com ele constrói e reconstrói conhecimentos o tempo todo, a vida toda. (BORGES, 2011, p. 63).

Levando em conta a realidade em que a maioria dos jovens brasileiros está inserida, ou seja, desemprego, criminalidade, marginalidade, entre outros fenômenos, torna ainda mais necessário o trabalho docente neste âmbito. Mas esta realidade desigual precisa ser problematizada em sala de aula.

Quando pensamos nas atuais manifestações de rua e como estão sendo manifestadas nas aulas de Sociologia, estamos inserindo os jovens nas discussões e debates que eles vêm na mídia, nas redes sociais, mas que precisam compartilhar de modo mais aprofundado nas escolas, mediados por teorias e metodologias que os permitam desnaturalizar certas verdades construídas e apresentadas pelas mídias. É papel da Sociologia conceitualizar os saberes do cotidiano, valorizando a prática social dos estudantes e o contexto das escolas. Afinal, como ensinar Sociologia sem levar em conta as questões sociais que eles estão inseridos?

Evidentemente que a mediação pedagógica do professor é peça principal no processo de aprendizagem do aluno. Essa tarefa se torna ainda mais difícil quando o professor se depara com tantos obstáculos como os vivenciados atualmente, num contexto de perda dos direitos trabalhistas, como vem ocorrendo nestes últimos tempos.

Pelas entrevistas realizadas com os professores, foi possível perceber a complexidade de se aplicar com êxito em aulas de Sociologia no Ensino Médio, ainda mais no atual contexto que a educação no Paraná vive. O professor se depara com a exigência de se manter sempre atualizado, buscando conhecimentos científicos e didáticos para ensinar juventudes cada vez mais dinâmicas. Para renovar estes saberes de várias dimensões, em processos de formação continuada, enfrenta obstáculos dos baixos salários, do excesso de número de aulas, do excesso de quantidade de escolas onde atua, muitas vezes, em contratos temporários, da dificuldade de deslocamento, entre outros desafios que podem ser compreendidos como parte do baixo investimento na valorização do trabalho do profissional da educação neste Estado.

Entre estas dificuldades estruturais na educação pública brasileira, relembramos a escassez de recursos didáticos, o tempo insuficiente para planejamento e estudos, o excesso de estudantes em salas de aula, a rotatividade das escolas, a quantidade de contratos temporários, a flexibilização dos direitos dos

trabalhadores da educação e a falta de investimentos na formação continuada nos horários de trabalho.

Considerando a relevância de estabelecer esta correlação entre saberes da disciplina, saberes do professor e, sobretudo, saberes dos alunos, o docente se vê na constante batalha de vencer os obstáculos e desenvolver este papel de mediador pedagógico.

Só assim, como mediador e não como transmissor apenas dos conhecimentos, o docente conseguirá estabelecer diálogos que de fato possam atingir o interesse dos alunos pela Sociologia, através, principalmente, de recursos didáticos mais próximos à sua realidade.

Por isso, a necessidade de buscar mediações interdisciplinares e heterogêneas, aprendendo sempre com os profissionais da educação de outras áreas do conhecimento, mas preservando as especificidades e aprofundamento de sua disciplina. Nesse trabalho conjunto, é preciso buscar partir da realidade externa do aluno e criar pontes com as teorias trabalhadas em sala de aula, colocando o aluno constantemente frente aos acontecimentos sociais, políticos, culturais, etc., de maneira questionadora.

Assim, se torna praticamente impossível planejar aulas diversificadas sem se manifestar rotineiramente como agentes sociais e políticos. O Governador do Estado do Paraná, nas últimas semanas (final de junho de 2016), por exemplo, sinalizou que não cumprirá com o acordo estabelecido para encerrar a greve do ano de 2015, não pagando o reajuste aos professores. Isso traz a tona novamente o fantasma da greve que comprometeu quase todo ano letivo de 2015. É neste cenário de incertezas, de lutas e de manifestações que precisamos preparar as aulas de Sociologia e não deixar se abater por tais incertezas. Afinal criar interfaces criativas entre saberes sociológicos e saberes do cotidiano faz com que desenvolvamos com os alunos um olhar mais crítico acerca dessa realidade social tão desigual.

Dada a atual ordem vigente, percebemos a importância de se desenvolver em sala de aula, nas aulas de Sociologia, um trabalho pedagógico que estimule o pensamento crítico dos estudantes.

Por isso, a preocupação em analisar, por exemplo, como os professores trabalhavam as manifestações de rua, pois este tema, nos últimos tempos, provavelmente se fez muito presente na vida cotidiana dos alunos.

Alguns professores, muitas vezes, não vêem a necessidade de levar estes temas para a sala de aula quando vão trabalhar conceitos científicos. Mas há de se registrar que manifestar-se, tanto individualmente quanto coletivamente pela melhoria das condições de vida, faz parte do processo de construção de uma sociedade democrática. Assim, problematizar estas formas de manifestação nas aulas de Sociologia torna-se um incremento importante para entender a relevância dessa disciplina na vida social dos estudantes.

Fortalece-se, nestes momentos de crise, a ideia de que todos os docentes tem um trabalho muito importante em sala de aula, pois são responsáveis pelo desenvolvimento de uma nova sociedade a cada dia, pela construção coletiva de uma realidade com mais justiça social.

## REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel. **Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil**. Revista Brasileira de Edu. Número especial: Juventude e Contemporaneidade. ANPED/PUC-SP, mai/jun/jul/ago – 1997, n. 05 e set/out/nov/dez – 1997, n. 06, São Paulo, pp. 25-36

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996.

BRASÍLIA. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Orientações Curriculares Nacionais. Ciências Humanas e suas tecnologias**. Brasília, DF, 2006.

BULGRAEN, Vanessa C. **O papel do professor e sua mediação nos processos de elaboração do conhecimento**. Revista Conteúdo, Capivari, v.1, n.4, ago./dez. 2010.

BORGES, Aline Grazielle Rodrigues de Sales. **A relevância e os desafios da mediação político-pedagógica do professor de Sociologia no Ensino Médio: reflexões preliminares**. 2011. 66f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação Em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.

CÂMARA. **Câmara autoriza instauração de processo de impeachment de Dilma com 367 votos a favor e 137 contra**. Brasília, 17 de abril de 2016.

Disponível em:  
<<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/POLITICA/507325-CAMARA-AUTORIZA-INSTAURACAO-DE-PROCESSO-DE-IMPEACHMENT-DE-DILMA-COM-367-VOTOS-A-FAVOR-E-137-CONTRA.html>> Acesso em: 03 de julho de 2016

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CHAUÍ, Marilena. **As manifestações de junho de 2013 em São Paulo**. Teoria e Debate. [Em linha]. São Paulo: Partido dos Trabalhadores, 27 de junho de 2013, vol. 113. Disponível em:  
<<http://www.teoriaedebate.org.br/index.php?q=materias/nacional/manifestacoes-de-junho-de-2013-na-cidade-de-sao-paulo>>. Acesso em:27 de junho 2013.

DAYRELL, Juarez. **A escola como espaço sociocultural**. In: \_\_\_\_\_ (org) Múltiplos olhares sobre educação e cultura. 2ª. reimpressão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001. p. 136 a 161. [primeira edição: 1996]

ESPAÇO ACADÊMICO. **Escola sem partido”: imposição da mordaza aos educadores**. 29 de julho de 2016.

Disponível em: <<https://espacoacademico.wordpress.com/2016/06/29/escola-sem-partido-imposicao-da-mordaca-aos-educadores/>> Acesso em:30 de junho de 2016.

FERNANDES, Florestan. **O ensino da Sociologia na escola secundária brasileira**. Disponível em: <<http://docslide.com.br/documents/florestan-o-ensino-da-sociologia-na-escola-secundaria-brasileira-1959.html>>Acesso em: 16 de junho de 2016.

GASPARIN, João Luiz. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

GASPARIN, João Luiz, PETENUCCI, Maria Cristina. **Pedagogia Histórico-crítica: De Teoria à Prática no Contexto Escolar**. Paraná, 2008.

GOULART, Fernando Rocha; SANTOS, Fernando Sampaio; FRANCESC, Tulla i Pujol Antoni. **Manifestações Populares no Brasil Atual: Sociedade Civil em Rede e Reivindicações sobre o Poder Político**. In: XIII Colóquio Internacional de Geocrítica El control del espacio y los espacios de control Barcelona, 5-10 de mayo de 2014.

GROPPIA, Julio Aquino. **A indisciplina e a escola atual**. *Rev. Fac. Educ.* 1998, vol.24, n.2, pp. 181-204. ISSN 0102-2555.

GROPPO, Luís Antonio. **Dialética das juventudes modernas e contemporâneas**. Revista de Edu. do Cogeime, Ano 13, Nº25. 2004.

INFO ESCOLA. **Diretas Já**. Por Lidiane Duarte. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/historia/diretas-ja/>> Acesso em:01 de julho de 2016.

JUVENTUDE LUTA E CONSCIÊNCIA. **Movimento Estudantil, O Que é Isso???** 15 de setembro de 2010. Disponível em: <<http://juventudelutaconsciencia.blogspot.com.br/2010/09/movimento-estudantil-o-que-e-isso.html>>Acesso em: 01 de julho de 2016.

MORAES, Amaury Cesar. **Licenciatura em Ciências Sociais e ensino de Sociologia: entre o balanço e o relato**. Tempo soc. Vol. 15. No 1. São Paulo, Ap, 2003. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-20702003000100001](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702003000100001)>Acesso em: 30/06/2016.

RÊSES, Erlando da Silva. **E com a Palavra: Os Alunos - Estudo das Representações Sociais dos Alunos da Rede Pública do Distrito Federal sobre a Sociologia no Ensino Médio**. Brasília: Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília. Dissertação de Mestrado, 2004.

RICARDO, Nézinho. **Conheça o projeto Escola Livre aprovado pela Assembleia Legislativa**. Alagoas, 11 de janeiro de 2016.

Disponível em: <<http://ricardonezinho.com.br/?p=14027> > Acesso em: 30 de junho de 2016.

SANDER, Cristiane. **Juventude e participação: um processo pedagógico**. In: Congresso Internacional Pedagogia Social Mar. Scielo 2010. Disponível em: <[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000092010000100004&script=sci\\_arttext](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000092010000100004&script=sci_arttext)> Acesso em: 28 de julho de 2016.

SILVA, Ileizi L. F. **Das Fronteiras Entre Ciências e Educação Escolar: As configurações do ensino das Ciências Sociais/Sociologia no Estado do Paraná (1970-2002)**. Tese de Doutorado - Universidade de São Paulo. São Paulo 2006.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE SOCIOLOGIA, **Nota da SBS Sobre as Demissões de Professores e Censura ao Ensino de Sociologia na Educação Básica**. Porto Alegre, 26 de abril de 2016. Disponível em: <http://www.sbsociologia.com.br/home/index.php?formulario=noticias&metodo=0&id=54&url=Zm9ybXVsYXJpbz1ub3RpY2lhcjZtZXRvZG89NA==&voltar=sim> Acesso em: 11 de maio de 2016.

UOL. **Protestos no PR: Entenda por que os professores estão em greve**. Curitiba, 04 de maio de 2015. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/noticias/2015/05/04/protestos-no-pr-entenda-por-que-os-professores-estao-em-greve.htm> > Acesso em: 30 de junho de 2016.

LONDRINA. **Práticas e Debates na Formação de Professores de Sociologia/Ciências Sociais**. UEL, 2013.

FERNANDES, Edson; ROSENO, Ricardo Freitas de. **Protesta Brasil: das redes sociais às manifestações de rua**. São Paulo: Prata, 2013.

SCHMIDT, João Pedro. **Juventude e Política no Brasil: A Socialização Política dos Jovens na Virada do Milênio**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2001.

VENTURI, Gustavo. **Juventude, Política e Cultura**. Revista Teoria e Debate. Fundação Perseu Abramo, n. 45, jul/ago/set/ 2000. (versão impressa)

VOMMARO, Pablo. **La disputa por lo público en América Latina**. Nueva Sociedad, nº 251. Mayo-junio 2014, p. 55-69. Disponível em: <http://nuso.org/revista.php?n=251>. Acesso em: 30 jun. 2014.

ZANETI, Hermes. **Juventude e Revolução**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

## ANEXO

### UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA TCC DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Meu nome é **BEATRIZ BATISTA SILVA**. Sou graduanda do último ano do Curso de Ciências Sociais, da Universidade Estadual de Londrina – UEL e faço TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), sob a orientação da Profa. Dra. Angela Maria de Sousa Lima, na área de “Ensino de Sociologia”.

Estou realizando uma pesquisa sobre a **“A Mediação Do Professor De Sociologia No Ensino Médio: Problematizando As Recentes Manifestações De Rua”**.

Na primeira etapa da pesquisa farei algumas entrevistas abertas acerca da questão, por mensagem eletrônica, com professores egressos do Curso de Ciências Sociais da UEL, que atuam nas escolas estaduais.

Neste contexto, solicitamos vossa contribuição no levantamento das seguintes informações:

- 1) **Como as atuais manifestações de rua estão sendo trabalhadas por você nas aulas de Sociologia com os estudantes do Ensino Médio?** (Considere: uso dos recursos; de autores; de teorias; de conteúdos; de exemplos; de estratégias didáticas; dos diferentes mecanismos de participação dos estudantes; etc).
- 2) **Descreva uma de suas aulas de Sociologia onde tenha utilizado o tema das atuais Manifestações de Rua como parte das discussões.** [Considere: o que os estudantes gostaram de debater; algumas falas mais marcantes dos estudantes; o conteúdo de Sociologia que tenha sido compreendido mais facilmente pelos estudantes quando fez as relações com este tema; o interesse da turma; os exemplos e os recursos que utilizou; etc]

Antecipo meus sinceros agradecimentos e me comprometo a partilhar os resultados dessa pesquisa assim que o TCC for defendido, no final de agosto de 2016.

**BEATRIZ BATISTA SILVA**

Londrina, 08 de maio de 2016.